





LE CVLTE
DES LIVRES
CONSOLE DE
TOVTE LES RÉALITÉS
DOV LOVREUSES..."

EX LIBRIS
ALFREDO PVJOL

STEIN OR PARIS



COMMENTARIOS

E

PENSAMENTOS

OBRAS DO MESMO AUCTOR

Poesias avulsas, 1 v.

Suspiros poeticos e saudades, 1 v.

Tragedias, 1 v.

Urania, 1 v.

Confederação dos Tamoyos, 1 v.

Canticos funebres, 1 v.

Factos do espirito humano — Philosophia, 1 v.

A Alma e o Cerebro — Estudos de psychologia e
de physiologia, 1 v.

Opusculos historicos e litterarios, 1 v.

COMMENTARIOS
E
PENSAMENTOS

POR

D. J. G. DE MAGALHÃES
VISCONDE DE ARAGUAYA



RIO DE JANEIRO
LIVRARIA DE B. L. GARNIER
Rua do Ouvidor, 69
—
1880

A MEU FILHO

O D.^r AMADEUS M. J. G. DE MAGALHÃES ARAGUAYA

Dedico-te estes pensamentos sobre varias questões philosophicas para que reflectas com a maior attenção sobre esses graves assumptos, e te não deixes illudir com as fallacias de theorias que hoje, sem razão, se inculcam como ligitimas inducções da sciencia moderna, e que só por isso muitos aceitam, pela vaidade de se mostrarem instruidos, com menosprezo de doutrinas mais abonadas, e mais dignas do nosso respeito.

Não basta que se invoquem os progressos da sciencia e da civilisação para que opiniões arriscadas, e que podem ser funestas

à ordem moral e social, se admittam de confiança, como verdades, quando lhes falta esse character. Saibamos distinguir os factos demonstrados pela observação e a experiencia, das conjecturas sobre cousas que estão fóra do seu alcance, e que pertencem ao dominio da razão e da fé; e lembremo-nos que todos os progressos e descobrimentos da sciencia se reduzem ao conhecimento de mais alguns factos, e de mais algumas leis, que não resolvem o problema da causa e da origem das cousas, e não auctorizam as inducções do materialismo moderno, não mais convincentes que as do antrigo.

Si as ideas que com toda a franqueza exponho não se conformam com as opiniões que hoje mais predominantes parecem, pouco isso importa, porque a verdade não se sujeita à moda.

Vale.

COMMENTARIOS E PENSAMENTOS

HYPOTHESE

DA METAMORPHOSE DAS ESPECIES.

A sciencia positiva não se satisfaz com o conhecimento dos phenomenos e das suas leis, postoque ella os considere como os unicos objectos ao alcance das indagações do espirito. Pretendendo apoiar-se sempre na rigorosa observação dos factos, ella não renuncia comtudo o direito de philosophar, e aspira tambem a uma sciencia superior, que está fóra da alçada da experiencia; mas, desdenhando a metaphysica, divaga em conjecturas improvavies.

Em tal caso se acha a fantastica theoria de Maillet e de Lamarck sobre a origem e transformações das especies biologicas. Essa theoria restaurada e desenvolvida nos nossos dias, com o talento de um engenhoso romanista, pelo celebre naturalista Carlos Darwin, que a tornou quasi popular, é uma concepção contraria á ordem conhecida dos factos, e inteiramente hypothetica, não-obstante todos os esforços da imaginação dos sectarios, que a preconizam como scientifica, só porque n'ella enxergam a exclusão de um poder criador, tachado de sobrenatural, que tanta repugnancia inspira aos novos Demócritos.

A adaptação mecanica, e a selecção natural sem plano nem fim, á que tantas maravilhas querem attribuir os systematicos padrinhos dessa theoria, poderão apenas explicar algumas modificações mais ou menos vantajosas de fórmas e de proporções de orgãos existentes; mas não explicam a geração, a nutrição, a producção de orgãos novos, de instinctos e de faculdades intellectuaes e mo-

raes. Nem por esse meio se explica a lei da herança e a sexualidade. Todos esses factos da vitalidade organica suppoem causas fundamentaes, e uma finalidade imperiosa, que resiste a todos os sophismas do materialismo.

Admittindo-se mesmo, contra a observação, e as experiencias mais decisivas, o começo apparentemente espontaneo da vida no nosso globo, em uma epocha remotissima que escapa a todos os nossos meios de investigação, não ha razão alguma plausivel para que *a priori* se affirme que começasse a vida antes por uma simples combinação chimica accidental, devida ao acaso de circumstancias physicas desconhecidas, que já se não repetem, do que pela acção de um agente especial imponderavel; e antes por um typo unico, do que por muitos e differentes. Nesse ponto a hypotese é por demais caprichosa, e excede a todas ás condições de uma hypotese scientifica.

A producção accidental de uma cellula, ou monera primitiva, já adaptavel a nutrir-se, a reproduzir-se, a metamorphosear-se, com

tendencia á perfeição e á lucta pela existencia, e capaz de produzir successivamente novos elementos anatomicos, novos tecidos, novos órgãos, e especies novas, suppõe necessariamente uma causa intencional, instinctiva, uma finalidade imperiosa, uma potencia occulta, que tende a desenvolver-se, e reconhece a utilidade de fixar e transmittir as vantagens adquiridas.

Essa condição essencial, que a theoria se dispõe a negar, invocando tamsomente as leis *physicas* e *chimicas*, não se póde attribuir á *materia bruta*, e á simples accção *mecanica* do tempo, por mais que se *accumulem* milhares de seculos.

E de que serve essa *hypothese*, si a final a theoria não exclue o milagre? Porque, com-efeito, a producção *accidental* de uma *substancia homogenea*, capaz de geração, de transformações *organicas especificas*, e ainda de *instinctos*, de *intelligencia*, e de *vontade*, e tudo isso sem plano, nem fim, é na verdade um prodigio do acaso, um verdadeiro milagre,

que excede a todas as leis physicas, chemicas e mecanicas que conhecemos.

Além de todas essas maravilhas hypotheticas da mecanica bruta, seremos ainda obrigados a admittir, que de cada transformação periodica, occorrida nesses remotos tempos, alguns individuos foram condemnados pelo capricho do acaso a perpetuar, sem mais progresso, as varias fórmulas que ha seculos se fixaram; emquanto outros individuos, mais felizes, foram destinados a novas evoluções, sujeitas a iguaes reservas e selecções; sem o que não existiriam hoje tão numerosas e varias especies de animaes e de plantas, que datam dessas epochas pre-historicas. A esse facto não responde a theoria da evolução contínua e lenta.

Como, sem uma causa teleologica, essas suppostas adaptações mecanicas seriam antes uteis que nocivas, e só as uteis tenderiam a fixar-se como especies differentes em tão longos periodos de duração? Quem, em cada individuo, aprecia a modificação accidental, e

prevê a utilidade de órgãos rudimentaes, destinados a funcções futuras? Não basta suppor, e affirmar que em tudo isso não ha sinão resultados mecanicos, e nenhum plano nem fim. Onde estão as provas dessas affirmações? A sciencia não as dá; e só apresenta hypotheses sobre hypotheses, inventadas com o unico fim de excluir o que lhe apraz chamar sobrenatural; como si nisso consistisse a sciencia!

Por outro lado, a paleontologia, que poderia prestar algum apoio á theoria da successiva e gradual metamorphose das especies, não nos offerece o menor vestigio dessas innumeradas adaptações lentas e intermediarias, que a theoria suppõe gratuitamente, e que os sectarios emvão procuram nas camadas fossilíferas da terra; e como diz o sabio Agassiz: « Desde a primeira intruducção de animaes neste mundo não apparece o menor indicio que uma especie se transformasse em outra ».

E por que novo mysterio, ou capricho do acaso, as paginas geologicas, que conservaram tantas especies de insectos, de reptís, de peixes,

e de passaros, e até as impressões de folhas, e de pisadas de animaes, só occultariam acintemente esses typos intermediarios, produzidos durante seculos, e que se deveriam achar em copioso numero, e por toda parte, si com effeito tivessem existido?

Si as especies existentes resultassem de adaptações mecanicas insensiveis e seculares de typos inferiores, mais ou menos favorecidos pelas circumstancias; e estes de um numero menor de outros typos mais inferiores; e assim, recuando sempre, através de milhões de seculos, até á proveniencia de uma substancia amorpha primitiva, producto do acaso, não faltariam exemplares paleontologicos que documentassem essa successão não interrompida de evoluções insensiveis; do mesmo modo que a lucta pela existencia no mar e na terra, e a supposta selecção natural não fizeram desaparecer a geração das moneras, e de milhares de especies inferiores, que, apesar da acção do tempo, ainda vivem, e se reproduzem ao lado das especies superiores, e á custa umas das ou-

tras; como para desmentir a theoria da evolução.

O exemplo da embryogenia, ou desenvolvimento progressivo e regular do individuo de uma dada especie desde o germen até o momento de nascer, apresentando fórmulas diversas; exemplo allegado pelos evolucionistas como uma recapitulação abreviada do desenvolvimento genealogico de toda a serie animal, não é argumento convincente. O que é verdade quanto á evolução de um germen especifico, póde não ser verdade quanto á genealogia da especie.

Pouco importa que todos os germens se pareçam, e que no seu desenvolvimento o embrião de um vertebrado superior apresente fórmulas vagas e transitorias que lembrem as dos inferiores. Essas similhanças toscas e duvidosas durante a organogenea, que provam a unidade de plano, e a simplicidade dos meios, occultam entretanto as condições e causas das differenças especificas.

E porque tirar provas de genealogia dessas

semelhanças imperfeitas e transitorias, no curto periodo da formação dos órgãos, e desprezar o facto constante da procedencia dos individuos de outros da sua mesma especie?

O exemplo da evolução do óvulo poderia antes levar-nos a crer que a mudança do typo especifico, si isso se dá, sobrevêm brusca-mente nesse estado, por uma modificação particular do germen, em virtude de uma propriedade intrinseca e innata, como pensa M. Naudin. O que de certo parece mais racional que a lenta adaptação mecanica. Mas essa hypothese tem o inconveniente de parecer contraria ao puro materialismo, e por isso a regeitam os evolucionistas dessa seita.

A transformação systematica do óvulo em um complicado organismo, que reproduz o typo dos seus progenitores, como si uma idea artistica o dirigisse com admiravel previsão dos varios fins a que destina as suas diversas partes, não é phenomeno que se explique pela simples adaptação mecanica; e a chamada lei de herança é um facto tão mysterioso

como a formação de apparatus sexuaes, proporcionados a funcções futuras, de que depende a conservação da especie.

Como negar, sem violencia á razão e aos factos, que uma causa teleologica preside a essa transformação de uma substancia homogenea em tantos tecidos differentes, e os dispõe em órgãos diversos e numerosos, com fórmulas prefixas, em um concerto harmonico? Essa causa existe; ella se revela como causa final de um modo evidente e incontestavel; pouco importa que os materialistas a neguem por um vão capricho. Elles a reconhecem entretanto, quando cuidam illudil-a com a sua — tendencia á perfeição, vantagens adquiridas, e leis de herança.

Pretendem mais os evolucionistas que algumas pequenas partes do nosso corpo, como os musculos do pavilhão da orelha, a pequena prega semilunar do angulo interno do olho, a ponta ossea em que termina a columna vertebral, os mamillos do peito do homem, são órgãos atrophados por falta de uso, ves-

tigios de remota descendencia, restos legados pelos nossos antepassados irracionaes, que já tiveram uso nos diversos estados de evolução lenta pelos quaes passou a monera mysteriosa que, transformando-se em peixe, em reptil, em passaro, em quadrupede, chegou em fim a ser homem ou mulher, pela simples influencia da adoptação mecânica e da selecção natural! — São com effeito bem subtis e ridiculas provas de descendencia!

Mais si, sem herança e sem previsão de utilidade futura, segundo a theoria, começaram a formar-se os diversos órgãos, que só podiam ser utilizados depois de formados, e incommodos antes disso, porque razão, sem essa supposta lei de herança heterogenea, não existirão algumas diminutas partes, ou fórmulas cuja utilidade não podemos apreciar?

Será a utilidade a unica regra, o unico fim da natureza na profusão e variedade prodigiosa de suas criações? A belleza e o colorido das flores, as fórmulas diversas das pétalas e das folhas, o variegado matiz da plumagem

das aves, as proporções gigantescas ou microscopicas dos animaes e das plantas, não terão com-effeito outra razão de existencia sinão a utilidade por adaptação mecanica? Mas que mecanica é essa, que tão prodigiosamente assim se modifica e se transforma em virtude do principio abstracto da utilidade?

Essas provas de genealogia não são serias. Parecem antes facecias de espirito zombeteiro, do que argumentos scientificos.

O que sabemos positivamente a respeito das especies biologicas, salvo qualquer ingano na sua classificação, é que ellas são fixas e persistentes desde a mais remota antiguidade, e que a selecção artificial cuidadamente feita, ainda não produziu uma só especie nova que comprove a possibilidade de uma metamorphose pela imaginaria selecção natural; a qual, dependendo de um concurso de circumstancias repetidas em tão grande escala, seria impossivel sem milagre.

Assim pois, nem pela observação e a expe-

riencia, nem pelo raciocinio podemos admittir a transformação das especies pela adaptação mecanica e selecção natural; e menos podemos admittir por esse modo a producção de instinctos e da intelligencia.

A origem das especies é um problema scientifico que se não resolve pela fantastica theoria da evolução. Toda a sciencia natural de Darwin, todas as sua subtilezas e paradoxos não alteram o facto incontestavel da persistencia das especies, e da finalidade dos orgãos. Essa theoria, que se reduz a uma serie de hypotheses improvaveis, não destróe a tradicção biblica; é uma ficção que substitue o maravilhoso de um poder divino, que a intelligencia humana admitte sem difficuldade, pelo maravilhoso do acaso, tão contrario á razão como á experiencia.

Essa theoria se refuta pelos proprios principios que estabelece; porque as expressões « materia viva, lucta pela existencia, selecção, tendencia a fixar vantagens adquiridas, lei de herança, utilidade, » designam finali-

dade, e alguma cousa que excede á mecanica bruta.

As pequenas vantagens adquiridas por alguns individuos mais favorecidos pelas circumstancias poderão ser devidas á simples adaptação mecanica. Mas mecanica não é a lei da herança, á que recorrem os evolucionistas para explicar a transmissão dessas vantagens accidentaes por meio da geração; a qual tambem não é um facto mecanico. A lei da herança depende do mysterio mesmo da geração e da vida.

As propriedades physicas e chemicas dos corpos são inalienaveis e intransmissiveis. Ninguem se persuade, nem mesmo os evolucionistas, que uma fôrma qualquer se reproduza por herança só porque da primeira vez accidentalmente se produziu, e que uma aggregação de moleculas de substancias diversas adquira, por esse simples facto, a propriedade de gerar outras muitas aggregações da mesma

especie. É evidente que a reprodução se opéra em virtude dos mesmos principios e propriedades que concorreram para a primeira produção, e não por lei de herança de uma adaptação mecânica accidental.

Essa lei mysteriosa da herança, que só se dá no mundo organico, e em virtude da qual os typos especificos se transmittem e perpetuam de geração em geração, durante seculos, e cujo começo ignoramos, depende infallivelmente de um principio interno, conservador da especie, que lucha contra todas as influencias externas, que tendem a modificá-lo.

Esse principio activo, gerador e conservador, à que se amoldam os germens especificos, e as substancias assimiladas, contradiz a hypothese da evolução pela simples adaptação mecânica.

E o que significa nessa theoria a tendencia a fixar e a transmittir vantagens adquiridas, sinão e reconhecimento mesmo de uma causa organica e final, que preside ao desenvolvimento do germen?

Por que lei physica herda um germen a virtude de reproduzir successivamente um complicado organismo animal, conforme o typo dos seus progenitores, mais ou menos modificado pelas circumstancias?

Com essa mesma lei ideal da herança, e com essa tendencia á fixação de vantagens adquiridas, a theoria evolucionista tacitamente admite o que ostensivamente nega.

A força viva e instinctivã que transforma a substancia homogenea de um ovo em um complicadissimo organismo animal, ao passo que cria, com um mesmo composto de poucos elementos chimicos, uma multidão de elementos anatomicos e de tecidos differentes, os vai ligando estheticamente e associando em orgãos multiplices, para funcções futuras diversas e connexas, segundo uma idea ou plano prefixo, a que obedece.

Negar a especialidade desse agente invisivel, e a finalidade desse maravilhoso orga-

nismo, seria uma prova de falta de bom senso, si não fosse, como é, a da inconsiderada presumpção do espirito de *systema*.

Os sectarios da theoria da adaptação mecnica, repetindo os paradoxos e ficções do poeta Lucrecio, que viveu no meio da corrupção da decadencia da Republica Romana, não querem que se diga que os olhos foram feitos para ver, e os ouvidos para ouvir; e sim, que vemos porque temos olhos, e ouvimos porque temos ouvidos. Que sciencia tão estupenda!

Segundo essa profunda theoria dos materialistas não devemos mais dizer, nem crer, que o leite é dado, em devido tempo, nos seios maternas para nutrir a criança, nem que esta o mama por instincto. Tudo se faz sem previsão nem designio! Essa negação caprichosa de uma finalidade evidente não abona a boa-fé dos que sustentam tal theoria, com o fim de banir do universo a Providencia.

As abstruzes perseguidas mettem a cabeça no buraco do primeiro tronco que encontram, e, não vendo os perseguidores, cuidam que não são vistas. Assim fazem os systematicos secretarios do puro machinismo.

Antigos poetas fabularam que a bella Aphrodite nasceu da escuma do mar; que após um diluvio que inundou os campos da Tessalia, as pedras, lançadas por Deucaleon e Pyrrha sobre a terra humida, se transformaram em homens e mulheres, e que, pela influencia dos deoses, algumas criaturas humanas se metamorphosearam em animaes e plantas, como Cycnus, Narciso, Daphne e outros de que falla a mythologia.

Os naturalistas modernos da escola da evolução, imitando essas graciosas ficções poeticas, com exclusão porê m da influencia divina, e principalmente para excluil-a, imaginam que, por simples adaptação mecanica, os preixes, gerados pela escuma do mar, se metamorpho-

searam em reptis, em passaros, e quadrupedes, dos quaes procede a especie humana, por intermedio de um par de macacos.

Os paradoxos de taes sabios fantasiosos não teem mais valor que as fabulas dos antigos poetas; mas em todo caso é um tributo que a sciencia moderna paga á poesia, convertendo as suas invenções em theoria philosophica.

No que acaba essa infactuada sciencia, que tanto nos recommenda a observação e a experiencia, que ella não respeita!

Uma grande parte do trabalho da sciencia consiste em refutar os seus proprios erros.

FORÇA VITAL.

Estamos tão habituados a ver as diversas funcções da vida exercidas por órgãos diferentes, que nos parece serem essas funcções resultados dos órgãos, e não estes meros instrumentos d'aquellas.

Mas nos grãos infimos da animalidade as funcções principaes da vida se effectuam sem órgãos distinctos. Os Rhizopodes, por exemplo, comem sem bocca, digerem sem estomago, sentem sem nervos, movem-se sem musculos, e se propagam sem órgão da geração. No embrião das especies superiores são as funcções vitaes que desde o germen preparam, com um mesmo liquido homogeneo, todos os

elementos anatomicos, e os combina em varios tecidos, para a differenciação dos orgãos. E são ainda essas funcções que necessitam a renovação incessante da materia dos orgãos já feitos.

Assim pois, não podemos duvidar, as funcções da vida são as causas finaes dos orgãos, e preexistem á sua formação.

Os naturalistas da escola da evolução, postoque não fallem de causas finaes, porque ellas dispertam a idea de Providencia, reconhecem comtudo esse facto, quando dizem que é a necessidade das funcções que cria e aperfeiçôda os orgãos. O que é reconhecer a prioridade das funcções vitaes.

Mas, quem sente a necessidade dos orgãos para bem funcionar? Quem sabe quaes os meios de satisfazer essa necessidade? Quem tem o poder de produzir esses varios meios, adaptal-os ao fim segundo um plano prefixo, e transmittir essa virtude mysteriosa de geração em geração, por intermedio de um liquido homogeneo?

Não se diga que é o animal, ou a materia viva, ou um composto de forças e de propriedades materiaes; porque o que constitue o animal, ou a materia viva, ou esse imaginario composto de forças e de propriedades é justamente o que está em questão; e qualquer dessas respostas evasivas affirma a existencia de uma causa especial, á que damos o nome de — força vital.

Essa força, como todas as mais emanadas do Criador supremo, só se revela pelos seus effeitos; mas a sua existencia, distincta essencialmente de todas as outras forças que constituem a natureza, é tão incontestavel como a multiplicidade de suas criações, o maravilhoso dos seus processos, e a variedade dos seus phenomenos.

Os materialistas pretendem que não ha força vital; que isso é uma chimera, uma ficção ante-cientifica; e que todos os phenomenos da vida se explicam pelas forças ou proprie-

dades de materia bruta. Somente elles não explicam porque essas forças ou propriedades da materia necessitam de um pequeno germen, produzido por um ser vivo, para construir o complicado mecanismo organico; nem tampouco explicam porque essas forças ou propriedades, contidas em um limitado grumo de pouquissimas substancias chemicas, se subordinam a um typo hereditario, e lhe dão uma individualidade, e funcções diversas, que se mantêm pela incessante transformação e mudança da sua materia.

Quando a sciencia ignora completamente qual a disposição particular das moleculas de um germen que produz um individuo do sexo masculino ou feminino; quando ignora quaes as leis por que a materia do óvolo adquire a propriedade evolutiva que realiza o plano ideal do organismo de um homem, ou de um passaro, leis e plano que certo não são do dominio da physica e da chimica; como

se ousa negar a existencia de um agente especial da vida, e affirmar que todos os seus phenomenos se explicam por leis physicas e chimicas?!

Nada mais ante-scientifico do que que as negações do materialismo systematico.

A chimica que pretende explicar os phenomenos da vida, sem admittir uma força vital, é justamente a sciencia que pelas suas analyses mais habilita a physiologia a refutar essa pretensão.

A sciencia das cousas da natureza é como a luz, que quanto mais forte esclarece os corpos de um lado, tanto mais escura se projecta a sombra do outro.

Si um corpo morto não póde decompor-se sem um agente de decomposição, que o re-

duza aos seus elementos chimicos; como pôde elle formar-se e organizar-se só á custa desses elementos, sem um agente que o vivifique, e presida a todas as suas evoluções e funcções? O começo espontaneo da vida é uma hypothese inadmissivel, e refutada pela experiencia.

Leio em um dos mestres mais conceituados do materialismo moderno, no sabio professor Moleschott, a seguinte receita chimica, digna de ser conservada. Eil a:

« Uma garrafa contendo carbonato de ammoniaco, chloruro de potassio, phosphato de soda, cal, magnesia, ferro, acido sulfurico e silice, é de um *modo ideal* o principio vital completo ».

Admiravel na verdade! É pena que com essas drogas não possa o habil chimico compor germens de animaes e de plantas, ou pelo menos um elixir que dê vida aos mortos.

Do mesmo modo ideal se contêm a Iliada nas caixas de uma typographia, e não preci-

samos admittir a existencia de Homero, nem de obreiros que saibam ler e compor; bastam os typos para que por leis chimicas surja uma Iliada, capaz de gerar outras muitas; como bastam os ingredientes da garrafa magica do materialista para que tenhamos o principio vital completo, capaz de se reproduzir em milhares de especies differentes.

Verdade é que isso parece impossivel e puramente fantastico; mas o professor salva a difficuldade, dizendo que o principio vital completo da sua mistura é *ideal*. Somente si um pintor dicesse que tinha nas tintas da sua palheta o ideal completo de um quadro, o sabio professor provavelmente o corrigiria, lembrando-lhe que esse ideal estava na mente do artista, e não nos materiaes por elle preparados para realizar a sua idéa.

Esse mesmo ostensor de verdades modernas, diz com toda a segurança que « a producção das forças intellectuaes depende directamente

de mudanças chímicas, e a quantidade da acção mental está em relação com a oxydação do phosphoro que entra na composição da substancia cerebral ». Que sciencia recondita!

O que elle porêem não diz, nem poderia dizer, é onde, quando, e como viu um cerebro pensando, e produzir a intelligencia em relação com a oxydação do phosphoro da sua substancia. Seria muito interessante que nos discesse ao menos que quantidade de phosphoro se oxydou no seu cerebro quando produziu esse heteroclitico pensamento; com que processo chímico obteve esse phosphoro oxydado, e com que balança pesou a quantidade relativa da acção mental.

Como essa chimica não é visivel, nem provavel, podemos crêr que não passa de um sonho de imaginação phosphorica. O que admira, e causa estupefacção, é que taes faccias se impinjam como verdades scientificas, e se ensinem hoje em academias européas.

Nem o microscopio dos physiologistas, nem as analyses dos chimicos nos farão jamais comprehender cousa alguma a respeito do cerebro em relação aos actos do espirito.

As propriedades vitaes dos tecidos e dos orgãos nenhuma relação teem com as propriedades chimicaſ das substancias elementares que entram na sua constituição; o que é cousa muito sabida de todos os physiologistas. Os mesmos elementos chimicos, combinados e transformados de mil modos pela influencia teleologica da vida, se acham em todos os tecidos e orgãos diversos; e como o organismo se não constitue fóra das condições da vida, não podemos attribuir as propriedades vitaes á acção das substancias chimicas; e muito menos lhe podemos attribuir as facultades intellectuaes.

Quando se não podem explicar as diferentes propriedades especiaes dos nervos pela sua composição chimica, igual em todos, é

uma verdadeira zombaria dizer que as nossas faculdades intellectuaes dependem directamente de mudanças chimicas, e da oxydação do phosphoro do cerebro.

Que relação póde haver entre uma meditação philosophica, a concepção de um poema, a invenção de uma machina, e uma combinação chimica qualquer? Sejam materialistas, embora, si isso lhes dá proveito, e os faz passar por espiritos fortes; mas não finjam saber o que ignoram, não dêem como verdades positivas conjecturas ridiculas, que deshonram a sciencia, e fazem duvidar da sinceridade dos seus cultores.

O que se passa no cerebro quando pensamos está fóra do alcance de todos os nossos sentidos, e de todas as concepções chimicas, phisicas e mecanicas: e a consciencia dos nossos actos intellectuaes e moraes não nos permite ligal-os a nenhuma combinação de substancias materiaes; como as funcções da vida

organica não nos permitem attribuil-as á acção exclusiva de propriedades physicas e chimicas.

A physica moderna, para explicar a transmissão das vibrações luminosas, admite a existencia de uma substancia etherea, imponderavel, que ninguem vê, nem sabe o que é, enchendo toda a immensidade do espaço, sem deixar vazio: e os materialistas, para explicação dos actos mais mysteriosos da intelligencia, pretendem entretanto que basta a massa grosseira do cerebro, e a supposição de movimentos, e de combinações chimicas!

De forças e propriedades brutas não podemos deduzir a intelligencia, o sentimento e a vontade; o que é evidente: por conseguinte esses attributos de que temos consciencia dependem de uma causa diversa dessas propriedades e forças.

CAUSAS FINAES.

As disposições teleologicas, ou causas finaes, que o espirito humano descobre na ordem da natureza, e que tão evidentes se mostram na organização harmonica dos seres vivos, prestaram sempre valiosos argumentos para nos fazer crer que o universo é obra intencional de uma sabedoria divina, e não o resultado do acaso.

É quanto basta para que os materialistas não só supprimam a consideração da finalidade no estudo dos factos e das causas immediatas, mas ousem mesmo negar *a priori* que haja plano, ordem e fim em cousa alguma do universo; e com esse presupposto, con-

trario ás regras da observação, inventam theorias que tudo reduzem a resultados necessarios e imprevisitos dos movimentos da materia bruta, que é o seu absoluto ideal.

Mas estarão porventura os materialistas auctorizados pela sciencia positiva a negar o que ella não alcança, pelos limites em que se encerra, e a affirmar assim que tudo se explica por leis phisicas e mechanicas, sem dar razão dessas leis, que entretando não se explicam por si mesmas? Estarão com effeito convencidos, como querem fazer crêr, que não ha em todo o universo o menor vestigio de plano e de previsão, nem mesmo no reino organico, onde uma indclinavel finalidade imperiosamente se impõe á physiologia? Acreditarão sinceramente que os olhos não foram feitos para ver, nem os ouvidos para ouvir, nem o apparelho digistivo para digirir, e que todos esses orgãos e tantos outros, que combinados concorrem com suas funcções para a conservação do individuo e da especie, sejam simples resultados de adaptações meca-

nicas accidentaes da materia bruta, sem plano, nem fim? E não terão tambem a menor duvida que no mesmo caso estejam os instinctos animaes, os sentimentos, e a intelligencia humana?

Na verdade, custa crer que espiritos esclarecidos e serios se illudam a tal ponto, que lá para si admittam como verdades incontesteis essas negações caprichosas e arrogantes, que nos apresentam como sciencia profunda. Parece antes que a premeditação systematica e orgulhosa de tudo explicar sem o concurso de uma intelligencia suprema, os leva a esses esforços de imaginação, com que pretendem passar por engenhos superiores. Como os habeis advogados que, pela vangloria de dar provas de não vulgar talento oratorio, se encarreram de causas difficeis e iniquas, e se esforçam, com sophismas e argucias, para obscurecer a verdade, e illudir a justiça.

Uma vista geral do universo, quanto as nossas faculdades o permittem, nos mostra varias categorias de factos, que se correla-

cionam por modo tal que a sua prodigiosa multiplicidade não destróe a idéa de uma unidade fundamental: factos de uma mecanica admiravel, que bastaria para excluir a idea do acaso: factos mysteriosos de uma vitalidade organica e preventiva: factos instinctivos, e factos da intelligencia humana, indagadora, providente e criadora.

Ora, como explicar o superior pelo inferior, o mais pelo menos? Considerar o mecanismo do universo como regrado por uma intelligencia suprema, não só nos não repugna, como facilita mesmo a sua explicação; tanto mais que a sciencia não descobre as causas naturaes das leis desse mecanisco. Mas, considerar a vida, os instinctos, a intelligencia e a vontade como resultados accidentaes de um mecanismo bruto, sem finalidade, não só repugna, como é contradictorio; porque o bruto mecanismo exclue instinctos e intelligencia, mesmo como resultados; não podendo um effeito conter o que se não contém nas condições da sua existencia. Por conseguinte, é

mais scientifico admittir uma causa intelligente da ordem do universo, do que uma mecanica bruta.

Não admira pois que o espiritalismo, tendo em seu favor os mysterios mesmos da nossa intelligencia criadora, a crença geral do genero humano, a insufficiencia das sciencias positivas, e a necessidade das leis moraes, resista fortemente a todas essas theorias caprichosas, inventadas com o fim unico, e não louvavel, de excluir da sciencia a idea de Deos criador.

O que admira é que intelligencias cultas, por infatuação systematica, torturem os factos, e obscureçam a verdade, para reduzir a intelligencia humana a um resultado accidental da mecanica bruta!

Si achamos natural que da semente de uma arvore saia outra arvore da mesma especie, é porque tal é a ordem ou lei da successão da vida, e não porque não possamos

conceber que outra fosse a ordem da natureza.

Qual é pois a causa desta ordem? Onde está, na semente, o typo ideal da arvore futura, como na mente do architecto está o plano do edificio que elle se propõe a construir?

Que disposição molecular, que movimentos occultos podem por si só, sem plano e sem fim, erguer esse edificio vivo, que não subsiste sem renovar continuamente as substancias que o constituem?

Que força poderosa e electiva adapta a materia bruta a uma serie de transformações regulares e harmonicas, e dá fórmulas e propriedades diversas ás differentes partes do todo, compostas dos mesmos elementos chemicos?

Essa força poderá parecer mecanica quanto ao seu modo de operar; mas as leis mysteriosas dessa mecanica viva não excluem a finalidade e uma intelligencia criadora. A lei, ou causa, em virtude da qual se geram, se

destruem, se combinam, se fazem, e desfazem os diversos elementos anatomicos, e se transmittem os typos organicos, não se contêm materialmente nas moleculas de uma cellula germinativa. Entretanto essa lei ou causa existe, e á sua acção se amolda a materia.

Os que negam as causas finaes, e não querem ver analogia alguma entre as producções da natureza e as obras d'arte humana, não negam comtudo que as determinações da nossa vontade, e os productos das nossas artes e industrias tenham um fim previsto.

Eis pois uma excepção opposta por milhares de criaturas humanas á regra geral do bruto mecanismo dos materialistas.

Mas como! Não somos nós filhos da natureza? Não fazemos parte d'ella? Não estamos tambem sujeitos ás suas leis e forças? Logo, quaesquer que sejam as condições da nossa origem, e da nossa existencia neste

mundo, quer attribuamos a nossa intelligencia e as determinações da nossa vontade a uma substancia espiritual; quer as attribuamos á acção das forças geraes da natureza, não podemos deixar de reconhecer que ha na natureza causas, leis e forças intencionaes, racionaes, e providentes, e por conseguinte que ella é obra de uma intelligencia suprema.

Não é sem razão que duvidamos da sinceridade dos corypheos do materialismo, quando negam ostensivamente que haja na natureza signaes de designio e de finalidade. Não poucas vezes elles se contradizem.

Um dos mestres mais notaveis do materialismo moderno, o professor Moleschott, assim se exprime em um discurso de inauguração do seu curso lectivo:

« Não acrediteis que eu seja tão temerario, ou tão cego, que negue á natureza designio e fim. Aquelles cujas ideas adopto não repellem o *telos* que elles presentem, e vêm

com Aristoteles na natureza. Elles só querem premunir o investigador contra os labyrinthos em que se perderiam as indagações, si procurasse adivinhar, em vez de se cingir ao *rerum cognoscere causas* ».

Assim pois, os materialistas não são tão cegos que não vejam o que a ninguem escapa, e que só negam, ou deixam sem a menor consideração, pelo futil pretexto de evitar labyrinthos! E os labyrinthos que temem é Deos na natureza, é a metaphysica, e a theologia, que lhes não permitem reduzir todas as cousas ao mecanismo bruto, sem plano nem fim! Que sciencia tão imparcial e sincera!

Os premunidos pelo materialismo não são os profundos indagadores dos phenomenos e leis naturaes. Esses sabem perfeitamente que não ha a menor incompatibilidade entre esse estudo e o reconhecimento de uma finalidade que nos faz crer na existencia de uma causa suprema intelligente. Os premunidos são os espiritos superficiaes, os jovens inexperientes, os ignorantes presumpçosos, que se

contentam com apparencias, e com as palavras ocas dos seus mestres argulhosos, e perdidos nos labyrinthos do materialismo, se revoltam contra Deos e a ordem moral.

Os naturalistas da escola da evolução cuidam banir da physiologia a questão da finalidade, substituindo esta pela utilidade; como si uma cousa fosse mui diversa da outra. Excluem a palavra, mas permanece a idea com outro nome; porque a utilidade é finalidade.

É muitissimo instructiva a explicação scientifica que nos dá o celebre Darwin do bello colorido de algumas flores e de alguns fructos. « As flores, diz elle, entram no numero das mais bellas producções da natureza; mas ellas *se fizeram* brilhantes, e por consequente bellas, para contrastar com a verdura das folhas, de modo que os insectos as podessem ver facilmente. Cheguei a esta conclusão por ter

notado que, em geral, as flôres fecundadas pelo vento não teem corollas matizadas de brilhantes côres. Diversas plantas produzem duas sortes de flôres, umas abertas e de côres vivas, que attrahem os insectos, e outras fechadas, incoloras, e privadas de nectar, que os insectos não visitam. Podemos concluir que, si nunca tivessem apparecido insectos sobre a superficie da terra, nunca as nossas plantas se teriam coberto de flores admiraveis. O mesmo raciocinio se pôde applicar aos fructos... Essa belleza não tem outro fim sinão attrahir os passaros e os insectos, para que, devorando esses fructos, disseminem os grãos! »

Admiravel! Assim pois, ha designio, ha manifesta finalidade nas producções da natureza, mesmo no colorido e belleza das flôres e dos fructos! E o sabio coryphee da theoria da evolução das especies o reconhece, e proclama!

Mas, com que calculada previdencia, com que mysterioso arteficio essas flôres e esses fructos se arribicaram de brilhantes côres

que não tinham, para namorar e attrahir os insectos e os passaros, sacrificando-se á voracidade damninha desses animaes só por amor da propria propagação, e em proveito tambem dos seduzidos!

E como viviriam esses pobres insectos e passaros, antes que algumas plantas mais astutas se enfeitassem para seduzil-os? E como se propagavam ellas antes disso?

Mas si, como parece, as plantas não se desenvolvem com sentimento e previsão do que lhes póde ser util; e si, entretanto, a sciencia reconhece uma evidente finalidade interna e externa ao menos nos sêres organizados; creio que a conclusão mais logica é que uma intelligencia suprema regulou todas as cousas. E si essa conclusão é contraria aos principios estabelecidos pelo materialismo, nem por isso é contraria á razão humana.

Notaremos ainda que a conclusão á que chegou o evolucionista, que « si não tivessem apparecido insectos sobre a terra nunca as nossas plantas se teriam coberto de flôres

admiraveis, » é tão illogica, tão estranha, tão fantastica, que espanta.

O sabio Darwin não admitte que os sêres organizados recebessem a belleza para prazer do homem. O que se lhe pôde conceder, mas não pelas razões que allega, dizendo: « Farei notar antes de tudo que o sentimento do bello depende evidentemente da natureza do espirito, independentemente de qualquer qualidade real do objecto admirado, e que a idea do bello não é innata, ou inalteravel; e a prova é que homens de differentes raças admiram nas mulheres um typo de belleza absolutamente differente. Si os bellos objectos não tivessem sido criados sinão para prazer do homem, seria preciso demonstrar que havia menos belleza sobre a terra antes que o homem apparecesse em scena » (Cap. VI).

Essas razões contradictorias nada provam, a meu ver, em favor da these.

Primeiramente, si o sentimento, ou a idea

do bello, não depende de qualidade alguma real do objecto admirado, e sim da propria natureza do espirito; essa idéa não nos vem do exterior; e a isso mesmo é o que se chama idea innata. E dessa designação se serve o illustre theorista da evolução quando, fallando dos hybridos, no capitulo IX, diz: « A esterilidade varia nos individuos da mesma especie em virtude de disposições *innatas* ».

Quanto ao exemplo tirado da variedade dos typos da belleza feminil; como a idea do bello, segundo o naturalista, não depende do objecto admirado, e sim da natureza do espirito admirador, não é de estranhar que homens de diversas raças, ou da mesma raça, admirem typos diversos de belleza. Essa diversidade relativa nada prova contra o character innato do sentimento, que se póde modificar segundo as circumstancias e o habito.

Quanto á necessidade da demonstração, — si havia menos belleza sobre a superficie da terra antes que o homem apparecesse em scena; podemos responder que, pela propria theoria

da evolução, todas as especies se aperfeiçoaram, e se tornaram mais bellas desde o seu começo; e como o homem, ultimo ser criado, só appareceu sobre a superficie da terra quando ella chegou ao estado de hospedal-o, é muito provavel, quasi certo, que antes disso havia n'ella menos belleza.

Nem é de desprezar a idéa que muitas especies de animaes e de plantas adquirissem boas e bellas qualidades para attrahir a attenção do homem, a fim de que as cultivasse e mutiplicasse em seu proveito; do mesmo modo que algumas plantas, segundo o theorista da evolução, si fizeram bellas para attrahir os insectos, em vantagem reciproca.

Occorre ainda que, declarando-se ser a idea do bello independente de qualquer qualidade que exista no objecto, e só dependente da natureza do nosso espirito, a conclusão é que não ha sobre a terra objecto algum absolutamente bello, e que as qualidades indefinidas dos objectos terrestres, antes que o homem apparecesse em scena, não tinham

esse character especial de belleza, que lhes attribuímos pelo nosso modo de perceber, e de sentir.

O illustre Darwin diz, e repete muitas vezes, que « a selecção natural não póde de nenhum modo produzir modificações em uma especie com o fim exclusivo de assegurar qualquer vantagem a outra especie; mas que póde produzir, e frequentemente produz, conformações directamente prejudiciaes a outras especies; e declara que seria a ruina da sua theoria si se provasse que qualquer conformação se produz em uma especie em vantagem exclusiva de outra ».

A clausula do *exclusivo* salva a proposição, que sem isso seria evidentemente falsa.

Mas o theorista falla da selecção natural como de um genio protector de cada especie em particular, e das especies, como si ellas fossem entidades distinctas e independentes, que só cuidam cada qual da sua existencia

e propagação. O que é um modo de fallar mais poetico que scientifico, e a meu ver contrario á theoria da evolução.

Não podemos affirmar que nenhuma especie ou modificação organica se produz em vantagem exclusiva de outra especie. Ignoramos as intenções dessa mysteriosa selecção. O que sabemos é que a origem das especies por esse modo não passa de uma hypothese contraria á observação de seculos. Por conseguinte, hypotheticas são todas as deducções que dessa hypothese se deduzem. E o homem que tira todo o proveito de tantas especies de plantas e de animaes, como alimento, remedio, e instrumento, com razão póde crer que essas especies foram criadas em vantagem exclusiva do genero humano. E si ha vantagem para essas especies de se propagarem e aperfeiçoarem, essa vantagem, apenas por nós ideada, lhes é completamente indifferente, pois que a não sentem; entretanto que para nós é mui real e positiva.

Na verdade, não vejo que seja mais scien-

tifico suppor que a producção e melhoramento do trigo, da vinha, da oliveira, do carneiro, do boi, do cavallo, e de outra muitas especies, sejam mais vantajosas a essas especies mesmas do que ao homem.

Compreendo que uma theoria que nega a immutabilidade das especies, e pretende excluir qualquer concepção metaphysica, ou causa sobrenatural, falle de individuos, e de modificações individuaes, mais ou menos vantajosas, accidentalmente produzidas sem fim algum. Mas, sustentando que as especies se formam e persistem pela selecção natural de alguns individuos mais favorecidos pelas circumstancias, não comprehendo essa metaphysica, que converte a selecção natural, devida ao acaso, em lei de progresso, tendente exclusivamente a formar novas especies, aproveitando somente os individuos mais favorecidos, com abandõno dos outros, — que entretanto tambem se propagam.

Dada essa lei aristocratica de progresso, não só a theoria admite uma causa sobre-

natural, como nenhuma razão tem para afirmar que a selecção não póde produzir em uma especie modificação alguma com o fim exclusivo de assegurar qualquer vantagem á outra especie; porque a conservação das especies inferiores animaes e vegetaes, e as qualidades que as distinguem, podem ter por fim assegurar, como de facto asseguram, a existencia das especies superiores.

A INTELLIGENCIA
E AS FORÇAS DA NATUREZA.

Quero admittir a hypothese que todas as nossas faculdades intellectuaes, sentimentos, e volições, que geralmente se attribuem a uma alma espiritual, sejam funcções do cerebro, em virtude tamsomente das forças physicas, chemicas e mecanicas que n'elle actuam. E como todas essas forças e phenomenos da materia se reduzem objectivamente a movimentos moleculares, e nenhum organ pôde funccionar sem mover-se, tambem a movimentos se hão de reduzir as funcções do cerebro, de que, por hypothese, resulta a intelligencia.

É isso o que affirmam os materialistas, que

consideram todas as forças da natureza como movimentos da materia, e comparam a acção do cerebro em relação aos phenomenos mentaes com a de qualquer glandula do corpo, que produz humores.

Verdade é que os humores são substancias materiaes segregadas, e que as nossas idéas e sentimentos não são substancias, nem extractos de substancias. Mas isso, a que tanta importancia dão os spiritualistas, pouco ou nada importa aos materialistas.

Somos pois obrigados, pela hypothese, a admittir na massa cerebral tantas especies e variedades de movimentos simples e combinados quantas são as nossas sensações, e ideas de especies differentes; isto é, milhares de movimentos diversos, pois que milhares são as ideas que temos das cousas, e dos modos por que ellas se combinam; e outros tantos movimentos que nos despertem a lembrança dessa multidão de palavras de que nos servimos; não se podendo attribuir aos mesmos movimentos a memoria dos vocábulos e a

das cousas; pois que não poucas vezes se nos apresenta uma sem a outra; e por isso já os phrenologistas inventaram um organo especial para a memoria das palavras.

Para facilitar a comprehensão de tão prodigioso numero de movimentos diversos, produzidos e combinados por um só organo, podemos suppor, pois que nenhum meio temos de verificar, que cada fibra do cerebro, do mesmo modo que cada corda de um instrumento, só produz uma especie de movimento, por conseguinte uma só idéa simples, e que todas as nossas idéas complexas resultem das combinações indifinitas dos movimentos das diversas fibras, por um mecanismo tão artistico e estupendo que nos custa a crer seja o producto accidental de forças não intentionaes.

Mas, em relação ao instrumento musical, obra d'arte, e não de forças brutas, ha uma intelligencia artistica, que, variando as suas concepções, e o toque dos dedos amestrados, varia a seu gosto as harmonias. Quem, ou o

que representa no cerebro a intelligencia do artista criador, que voluntariamente faz vibrar as suas fibras, e variar os movimentos? Quem a seu grado os combina em relações diversas?

Supponhamos ainda que nesse mysterioso instrumento todos os movimentos se combinam, e se succedem em horas dadas, por leis mechanicas desconhecidas. É o mais que se póde suppor, e isso já implica uma ordem preestabelecida.

Mas, como esses suppostos movimentos do cerebro, phenomenos physicos de que não temos consciencia alguma, se convertem em consciencia, e lhe dão um sujeito identico?

Quem, ou o que transforma esses movimentos em intelligencia, e vontade?

Que especies de movimentos passageiros nos poderão dar as concepções do espaço infinito, do tempo eterno, de causa, de substancia, do justo, e do bello, e essa multidão innumeravel de ideas de cousas que sabemos, imaginamos, e inventamos?

Eis o abysmo insondavel, que separa a phy-

sica da metaphysica; eis o problema sublime, que se não resolve por hypotheses physicas, chemicas e mecanicas; eis o mysterio, que nos obriga, máo-grado os materialistas, a admittir um ser espirital, da mesma natureza das nossas ideas, a quem o cerebro poderá servir de instrumento, mas que não é a substancia, nem os supostos movimentos do cerebro.

Não se diga que pouco importa não saibaimos como se fazem essas transformações de movimentos em idéas; mas que de facto essas transformações se operam no cerebro; do mesmo modo que as vibrações do ether se transformam em luz e calor, e o calor em força motriz.

Essa comparação, que se dá como argumento, está contida no problema, e se reduz á especie de sophisma, ou de paralogismo, que dá como prova o que está em questão.

Não ah ahi transformação alguma de uma cousa em outra; mas sim uma correlação, ou harmonia preestabelecida entre as vibrações do ether, phenomenos objectivos de uma

substancia que supponmos existir na natureza, e as sensações de luz e de calor, phenomenos subjectivos; de consciencia, sem existencia fóra do ser sensível, do mesmo modo que o som, e todas as mais sensações. E isso é tão sabido, mesmo dos materialistas instruidos, que não sei como, de bôa fé, possa alguém empregar tal comparação como prova, e com ella se illuda.

A luz que se transforma em calor, e o calor que se transforma em força mecanica, segundo a linguagem metaphorica e abstracta das sciencias phisicas, são os movimentos moleculares da materia, que se communicam, ou antes se excitam de corpo a corpo; e não a luz, e o calor sensações, que não existem na natureza, fóra do ser conscio, que as produz como modos do seu proprio ser; cousas mui distinctas e differentes dos movimentos moleculares, invisiveis, e apenas suppostos, que designamos com os mesmos nomes das sensações que esses movimentos nos excitam, por não podermos distingil-os e designal-os de outro

modo. E esses movimentos não se transformam por si mesmos em sensações, e ideas.

Poderão ainda dizer, e não falta quem o diga, que, « si bem as nossas ideas se não apresentem como movimentos, ellas são comtudo produzidas pela acção das propriedades e forças physicas, chimicas e mecanicas das substancias materiaes que combinadas entram na organização do cerebro, resultado dessas mesmas forças ».

É dizer sempre a mesma cousa, repetir o mesmo sophisma com phraseado diverso, que só póde illudir a quem não percebe a difficuldade, e ignora a significação das palavras.

Para os materialistas todas essas forças, objectivamente consideradas, são movimentos diversos das substancias materiaes, que não mudam a essencia das cousas, e só fazem que ellas se apresentem com aspectos diversos.

É certo que os physicos fallam em abstracto de forças, combinações, e transformações de forças, como si ellas fossem entidades distinctas, com existencia propria, e independente da

materia em que actuam. Mas, assim fallando, porque todas as sciencias teem a sua linguagem abstracta e figurada com que se entendem, e se occultam ás vezes certas difficuldades, não lhes dão esse sentido; ao contrario, só as consideram como modos diversos de movimentos das diversas substancias ou corpos; pois que os physicos não admittem que as forças se communicem, e se transmitam a través do espaço, sem materia movel; e por isso suppoem que todos os espaços interplanetarios e intermoleculares estão cheios de uma substancia imponderavel, á que dão o nome de ether, infinito oceano em que nadam os mundos.

E por transformação de forças só entendem, que tal substancia, ou corpo, pelo seu movimento molecular, ou de sua massa, póde ser motor de outro corpo, servindo esses movimentos alternativamente de causa e de effeito uns dos outros.

Assim, por exemplo, quando, pela combustão do carvão, movimento molecular que

sentimos como calor, a agua em estado de vapor, pelo movimento de dilatação das suas moléculas fortemente agitadas, levanta um peso, ou põe em movimento uma machina qualquer, os physicos, evitando uma longa phrase explicativa, dizem resumidamente, em linguagem abstracta, que o calor se transforma em força mecanica; e vice-versa, que a força mecanica se transforma em calor, quando o movimento da massa excita o movimento molecular. E segundo os corpos, suas relações, e modos por que se movem, tomam esses movimentos, considerados em abstracto, o titulo generico de forças, e se especificam com os nomes de — attracção, peso, força mecanica, calor, luz, electricidade, magnetismo, affinidade chimica, e coesão.

Na realidade essas forças não se transformam, só se excitam, e se compensam, e todas se reduzem a movimentos de diversas substancias corporeas.

Tambem se não transformam os átomos das diversas substancias simples, materiaes, que a

chimica moderna affirma serem eternos, immutaveis, irreductiveis, e permanecerem inalteraveis em toda e qualquer combinação em que entrem, mesmo na mais complicada composição organica; da qual sahem como entram. Podemos comparal-os ás letras do alphabeto, que, sem mudar de fórma, e só pelas suas diversas combinações em syllabas, compoem milhares de palavras, que despertam ideas differentes a quem sabe ler, e as entende; mas na realidade são sempre as mesmas letras.

Não inventamos theorias, nem hypotheses; expomos com clareza as das sciencias mesmas em que mais se apoia o materialismo.

Por conseguinte; nada na realidade se transforma, nem as forças, nem as substancias. « Um átomo de oxygeneo, ou de ferro, ou de qualquer outra substancia simples, qualquer que seja a composição em que se ache, continiúa a ser a mesma cousa, nada perde, e nada adquire ». Os chemicos o affirmam.

Todas as transformações são pois apparen-

cias, que resultam das combinações de cousas diversas, e todas as propriedades dos corpos, prescindindo do que se lhes attribue pelo nosso modo de sentir, se reduzem objectivamente aos modos por que se aggregam, e se movem esses atomos immutaveis, e as massas que elles constituem na sua contínua attracção e repulsão. E, como diz um illustre physico contemporaneo: « tódas as propriedades que descobrimos na substancia se resolvem em ultima analyse em movimentos, com excepção das propriedades geometricas ».

Ora, os naturalistas e materialistas não suppoem, que, fóra do organismo cerebral, as substancias materiaes, combinadas e agitadas por esses movimentos diversos, chamados forças physicas, chemicas e mecanicas, tenham consciencia desses modos de ser, mesmo como movimentos; e menos ainda que d'elles tenham, como nós, uma representação ideal.

Como pois admittir que essas mesmas forças inconscias, inherentes ás mesmas substancias atomicas, só pelo modo de sua combina-

ção no cerebro, onde continuam o ser o que eram, possam produzir ideas, e ter consciencia das cousas por meio de uma representação original, que em nada se parece com ellas?

O que ha de commum entre movimentos moleculares e as faculdades de sentir, de pensar, de querer? Quem transforma esses movimentos do cerebro em sensações? Quem as combina em ideas? Quem voluntariamente as resuscita do passado? Quem sobre ellas meditando, examina o que no exterior lhes corresponde? Quem theorisa, e inventa, e permanece sempre o mesmo, variando continuamente as suas concepções? Todo esse mundo ideal, toda a sciencia humana, todas as invenções artisticas, todo esse spectaculo sensivel do universo, unico objecto das sciencias positivas, será uma pura phantasmagoria, e não terá com-effeito em nós outra razão, outra causa de existencia sinão os movimentos do cerebro, e fóra de nós, movimentos analogos das massas atómicas?

Não se illude a intelligencia do philosopho com o equivoco das expressões abstractas « forças, combinações e transformações de forças », como se illude a vista do vulgo com as ligeirezas dos prestigiadores.

UNIDADE DA FORÇA.

Quando se aprofunda uma questão philosophica, não se escapa á metaphysica, por mais que se queira. Os materialistas e positivistas mais categoricos tambem lhe pagam involuntario tributo, apezar do menosprezo com que a tratam em suas explicações empiricas, pela enfatuação da sciencia. Elles tambem estabelecem principios *a priori*, indemonstraveis, postoque lhes neguem esse character.

Na impossibilidade de explicar o movimento da materia, e só pelo movimento dos átomos todas as propriedades das substancias que dão como irreductiveis, declaram que todas as causas nos são desconhecidas. Mas discorrem como

si as conhecessem. Dizem, ás vezes, que os movimentos são manifestações de forças, e não as forças mesmas: — Que todas as forças da natureza são modos de acção de uma mesma força, propriedade inherente á materia, e como ella incriada, eterna e immortal: — Que a força pôde tomar diversas fórmãs, permanecendo sempre a mesma em sua essencia: — Que é a força, unida á materia, e d'ella inseparavel, que produz todos os phenomenos que chamamos mundo: — Que a força é o que ha de mais mysterioso na natureza; que ella está na substancia, mas não é a substancia. Dizem mais que: — si bem se difine a força uma propriedade da materia, e d'ella inseparavel, comtudo a idea de uma é mui differente da outra; que uma é mesmo a negação da outra; que não podemos definir o espirito, a força, sinão como alguma cousa immaterial, alguma cousa que exclue a materia, ou lhe é opposta ».

Não inventamos cousa alguma, transcrevemos fielmente. Isto dizem, escrevem, e re-

petem em seus livros os corypheos do materialismo moderno, os mestres das sciencias positivas. E dizem bastante para que, descendo dessas alturas da sua metaphysica bastarda, se mostrassem mais circumspectos em suas negações systematicas.

Essa força mysteriosa, eterna, incriada, que o materialismo reconhece como causa de todos os phenomenos da natureza, permanecendo sempre a mesma em sua essencia, é sem duvida a mesma força que, na consciencia de suas criaturas humanas, tambem revela o seu poder por actos de intelligencia e de vontade? Como pois negar que essa força seja intelligente e voluntaria, e que uma intelligencia suprema, infusa ou não infusa, presida a todas as leis da natureza? Dessa força eterna e incriada, que produz todos os seres, e mesmo a intelligencia humana, a um Criador de todas as cousas será tão grande a distancia, e tal a differença, que nos auctorize a negar de bôa fé a existencia de Deos?

Dirão que a força, que o materialismo ad-

mitte, é uma propriedade da materia, e d'ella inseparavel, e que só produz a intelligencia por intermedio do cerebro; e que isso a distingue de um ser espirital, existindo por si mesmo, tal como os espiritalistas imaginam um Deos criador.

Mas, não é o cerebro, do mesmo modo que todos os seres vivos, e toda a ordem da natureza, uma producção dessa mesma força eterna e incriada, que, segundo as vossas proprias expressões, não podemos definir sinão como alguma cousa immaterial, alguma cousa que exclue a materia, ou lhe é opposta?

Que importa pois que essa força, que chamaes espirito, produza a nossa limitada intelligencia por intermedio do cerebro, si esse organo é produzido pelos seus diversos modos de acção; como um habil artista que revela a sublimidade de seu genio criador, servindo-se de um instrumento que elle mesmo fabricára com a sua propria industria? Prova isso acaso que a intelligencia seja um resultado accidental do organo, e que o organo não seja

uma producção intencional da força occulta e intelligente que o produziu, e d'elle se serve?

Si um physico compozer um poema, diremos nós que elle não é poeta, porque é physico; e que o seu poema é o resultado da physica, e não do genio poetico?

Si a força que produz todos os phenomenos da natureza, também produz a intelligencia humana, ella é intelligente; pouco importa que também seja força physica, chimica e mecanica; e mesmo ella é todas essas forças por ser intelligente e omnipotente.

— Mas essa força de que falla a sciencia é uma propriedade da materia atomica, e nesse caso concederemos a intelligencia á materia.

Não, de nenhum modo; porque, sendo a força incriada e eterna, como os materialistas reconhecem e proclamam, não deve a sua existencia á materia; existe por sí mesma, pela mesma absoluta necessidade que se quer attribuir á materia, de que ella se serve em suas multiplices producções. Por conseguinte, não podemos tampouco dizer que a força in-

criada e eterna seja uma propriedade da materia atomica que ella domina; podendo mesmo ser que essa materia seja criada pela força eterna, ou seja a força mesma considerada como substancia; pois que dos corpos nada sabemos sinão o que resulta dos diversos modos da acção da força, e o que pela nossa intelligencia lhes attribuímos.

Não nos esqueçamos que *materia* e *força* são duas expressões abstractas; que a unica idea que podemos ter da materia é a de um aggregado de innumeraveis átomos invisiveis, que escapam a todos os nossos meios de observação, e cuja existencia mesma é problematica; e consideral-os como eternos e in-criados é apenas uma hypothese muito contestavel, e não um axioma que se imponha á nossa razão.

Quanto á palavra força, de que se serve a sciencia, designando a causa eterna e mysteriosa de todos os phenomenos da natureza, essa palavra não explica melhor a causa incognita do que a palavra Deos.

Como o materialismo especulativo reconhece que a força é immaterial, eterna, incriada, uma, e unica, e permanece sempre a mesma, não-obstante a variedade infinita de suas producções: como reconhece que as suas leis são racionaes, e á sua acção attribue a ordem do universo, as funcções da vida, os instinctos animaes, e a intelligencia humana, nenhuma razão tem o materialismo para consideradal-a como uma força bruta, que opera fatalmente, sem plano nem fim; pois que as leis racionaes da natureza, e a intelligencia humana, contradizem essa hypothese; e considerando-a como intelligente, essa força mysteriosa é o Deos Criador da natureza, tal como os espiritualistas o concebem.

O pantheismo é a metaphysica inevitavel do materialismo especulativo. E si os materialistas systematicos do nosso tempo o repellem, é mais pela denominação do que pela essencia da sua theoria; porque a concepção

materialista de uma substancia incriada e dotada de uma força unica e eterna, que por suas infinitas transformações constitue todas as cousas do universo, todos os seres, e produz mesmo a intelligencia humana, é a concepção mesma fundamental do pantheismo, menos o nome.

IMPRESSÕES E SENSACÕES.

A physiologia nos ensina e demonstra de um modo evidente, que nenhuma impressão feita em qualquer parte do nosso corpo é sentida, ou percebida, si essa impressão se não transmite ao cerebro pelos respectivos nervos, e que basta a impressão cerebral, mesmo sem ser communicada do exterior, para que tenhamos sensações e percepções como vindas de fôra; o que acontece nos sonhos, nas visões, e outras especies de illusões. Disso conclue a physiologia que todas as sensações e ideas são produzidas no cerebro, ou pelo cerebro.

Mas, as sensações são modos de consciencia,

que em nada se parecem com as suppostas impressões, quer internas, quer externas; o que está demonstrado. Como se fazem essas conversões de impressões em sensações? De que modo, com que condições physiologicas, essas sensações, que se operam no cerebro, sem que o cerebro sinta em si cousa alguma, se separam desse organo, e se localizam, como dôr ou calor em qualquer parte do nosso corpo, ou como côres, sons, e cheivos fóra de nós? Si a sensação é a impressão cerebral transformada, quem faz essa transformação, e como ella se abstrahê e se objectiva exteriormente?

Eis um dos mysterios do espirito que a sciencia reconhece, sem que possa explical-o.

As impressões cerebraes, a que a sciencia recorre na explicação da memoria, dos sonhos, e de todos os actos da imaginação, não são quaesquer movimentos das substancias materiaes que combinadas constituem o cerebro;

pois que esse organo é insensivel á acção directa de todos os agentes physicos, chimicos e mechanicos, como o demonstram repetidas experiencias. As chamadas impressões cerebraes são phenomenos vitaes, de uma natureza incomprehensivel, e tão mysteriosos como a vida mesma, e a intelligencia.

Deixando de parte a natureza real dos objectos externos, cuja existencia affirmamos pela visão, e o que desses objectos pôde vir, através do espaço, tocar os nossos olhos; consideremos somente, emquanto substancia etherea, a luz que, atravessando a pequena abertura da pupilla, se reflecte na retina, como em um espelho, e a impressão mysteriosa que dahi se transmite pelo nervo optico ao tenebroso cerebro.

Imaginemos, si é possivel, o que physicamente se opera n'um ponto desse obscuro microcosmo, e se considera como condição interna e necessaria da visão normal, ou illusoria.

Comparemos essa pequena modificação inconscia e incomprehensivel de alguns atomos do cerebro com a grandeza, multidão, e variedade dos objectos que se apresentam no infinito espaço á nossa faculdade de vêr; e não poderemos deixar de reconhecer que não ha proporção alguma, nem a menor similhaça, entre uma cousa e outra, entre um movimento especial de um ponto do cerebro, e a immensidade, e variedade das nossas sensações visuaes.

A visão é um prodigio, uma magica, que só um poder divino podia conceber e effectuar; é uma verdadeira criação ideal. E esse ideal sensivel é para nós a realidade physica!

Os materialistas radicaes fazem grandes esforços de raciocinio para negar a existencia de Deos, e os seus argumentos lhes parecem incontestaveis. Mas, como tambem, pelo raciocinio, já se provou, e se prova a impossibilidade da existencia da materia; como tambem,

por uma profunda critica da razão pura, já se provou que as ideas de tempo e de espaço são leis subjectivas do entendimento humano, sem objectividade alguma fóra do nosso espirito; do que se pôde logicamente concluir que todos os objectos da natureza são phenomenos phantasticos da nossa imaginacção criadora; podemos crer, sem medo de errar, que todos esses formidaveis argumentos só provam a subtileza do espirito humano, a infatuação da sciencia, e a nossa ignorancia a respeito da realidade das cousas.

LEIS DO MOVIMENTO.

Só por hypothese, e com o fim de excluir da sciencia a idea de um motor primeiro, consideram os materialistas o movimento como uma propriedade inherente á materia desde toda a eternidade, dando a materia como incriada. A physica, porém, com mais razão sempre considerou, e ainda considera a materia como inerte; isto é, incapaz de se dar movimento a sí mesma, ou de o suspender, e de mudar de estado, si uma força estranha a isso a não obriga. Essa inercia é a base fundamental da mecanica.

Pela lei da correlação das forças, conclue a sciencia moderna que, a quantidade de movimento em todo o universo é sempre a mesma,

não-obstante todas as suas transformações; porque nenhum corpo pôde communicar o seu movimento a outro corpo sem perder tanto quanto communicára. O que já Descartes tinha entrevisto.

Essa quantidade identica de movimento, que a materia não pôde augmentar, nem diminuir, bem longe, a meu ver, de provar que o movimento é inherente á sua natureza, ou devido ao acaso, prova ao contrario que lhe foi dado com previsão calculada, para que fosse possivel a ordem existente. E como todas as transformações do movimento estão regradadas por leis fixas, inviolaveis e acordes, o que tambem exclue o acaso, não podemos deixar de reconhecer que a ordem mesma mecanica do universo depende de uma razão suprema.

Ha porêm quem tire conclusão diversa, e diga que, sendo a quantidade total do movimento sempre a mesma, não-obstante todas as suas transformações, isso equivale á inercia; pelo que fica salvo o principio funda-

mental da mecanica, e não necessitamos por conseguinte imaginar um motor fóra da essencia da materia.

Mas, porque uma substancia, que se supõe movel por si mesma, não póde augmentar, nem diminuir a quantidade do seu movimento, sinão por ser inerte? E porque razão essa quantidade fixa de movimento em todo o universo, o que é apenas uma hypothese scientifica, exclue a necessidade de um motor primeiro? Onde está a contradicção entre a idea de motor e a de quantidade fixa de movimento?

Si um corpo não póde communicar o movimento a outro corpo, sem perder uma quantidade de movimento igual á que communicára, do que resulta que a quantidade total é sempre a mesma; parece que a conclusão rigorosa é, que o movimento inicial lhe foi dado calculada e regradamente, para um fim previsto, e que não é por conseguinte uma propriedade inherente á materia, que apenas o supporta.

Dizer que essa quantidade permanente de movimento é necessaria e eterna como a materia, além de ser uma hypothese improvavel, não explica as transformações do movimento, nem como póde um corpo perder parte do seu movimento necessario, communicando-o ao outro corpo. O que é necessario não se perde, não se communica, nem se transforma.

Si o movimento fosse uma propriedade inherente aos atomos, e a sua quantidade igual em todos, o resultado seria o equilibrio de todos esses movimentos identicos, e impossivel fôra a transformação do movimento, e a agglomeração dos atomos em corpos diversos.

Como essas communicações e transformações se operam continuamente por leis fixas, não podemos considerar o movimento como uma propriedade inherente á essencia da materia. Ella se move por uma causa estranha, que a domina, e sobre ella actua constantemente.

Em todos os phenomenos da natureza o visivel se explica pelo invisivel, o concreto pelo abstracto, o real pelo ideal, o particular pelo geral, e podemos acrescentar que a ordem natural das cousas só se explica pelo sobrenatural; porque a causa eterna, incriada, necessaria e absoluta dessa ordem é por si mesma sobrenatural.

Não-obstante a guerra que fazem os materialistas ao sobrenatural, elles tambem admittem um sobrenatural, a que chamam — o *inconhecivel*. — E esse inconhecivel, causa suprema de tudo, bem póde ser o Deos desconhecido, de que fallava S. Paulo no Areopago de Athenas.

LEIS DA NATUREZA.

Os mestres do materialismo moderno, fazendo ostentação de excluir da sciencia o que elles chamam *sobrenatural*, appellam constantemente para as leis physicas, chemicas e mechanicas; mas não nos dizem do que dependem essas leis, e porque a materia cegamente a ellas se submette.

Elles se contentam com affirmar *a priori* que — as leis que determinam a actividade da natureza, e regulam todos os movimentos da materia, produzindo as mais variadas fôrmas, tanto organicas como inorganicas, são eternas, immutaveis e necessarias, e que essas leis inexoraveis excluem uma razão soberana; pare-

cendo-lhes incompativel e contradictorio o governo de uma intelligencia suprema com a existencia dessas leis, que a sciencia reconhece serem eternas e necessarias. Pelo que, em nome dessa sciencia que lhes é privativa, repellem qualquer intervenção de uma Providencia divina, tachada de sobrenatural e ante-scientifica.

Estranha maneira de raciocinar, que exclue a razão da idéa de ordem! como si não fossem as leis harmonicas dos phenomenos da natureza o que mais nos obriga a reconhecer a necessidade de uma causa intelligente; ou que essa causa intelligente, para ser reconhecida, só devesse manifestar-se caprichosamente pelo espectaculo de uma completa anharchia!

Postoque todas essas affirmações absolutas careçam de provas, e sejam inteiramente indemonstraveis pela razão, e mais indemonstraveis ainda pela observação e a experiencia, em que não-obstante os materialistas pretendem apoial-as; comtudo, admittindo-se, por hypothese, que sejam bem fundadas, e que

com-efeito a geração, o organismo, e as funções harmonicas dos seres vivos resultem de leis eternas e immutaveis; a conclusão logica é que, não só as leis da organisação, e dos typos das especies biologicas preexistiam ao apparecimento da vida no nosso globó, como tambem preexistiam as leis da formação da terra e do nosso systema planetario, sahido, segundo Laplace, de uma informe nebulosa, e ainda mesmo as leis das transformações do movimento, e das combinações chemicas dos atomos; pois que tudo isso resulta da existencia de taes leis. Assim teremos um systema de leis eternas e immutaveis, preexistentes á successão dos phenomenos passados, presentes e futuros, e por conseguinte superiores á natureza, isto é, sobrenaturaes! E ao menos por meio dessas leis entra o sobrenatural na sciencia, que em vão o repelle.

Dirão que essas leis resultam necessariamente da natureza mesma da materia, e das propriedades eternas dos átomos, e que por conseguinte não são sobrenaturaes.

Mas, que natureza é essa da materia? Em que consiste essa natureza? Quaes são essas propriedades eternas dos átomos, que ninguem viu, das quaes possamos inferir necessariamente as leis das suas relações, e dos seus multiplices e successivos effeitos?

Como das idéas de attracção e repulsão dos átomos, podemos nós deduzir as leis da complicada e regular estructura dos seres vivos, e mesmo as leis das fórmulas geometricas com se agrupam as moleculas crystallinas?

Para affirmar que as leis da natureza são necessarias, e não leis de conveniencia, impostas por uma intelligencia suprema, fôra preciso que a sciencia podesse demonstrar que ellas resultam necessariamente da idea que temos da materia; como a geometria demonstra que o quadrado formado sobre a hypotenusa de um triangulo rectangulo é igual á somma dos quadrados formados sobre os outros dous lados. E isso é justamente o que nenhuma sciencia póde fazer a respeito dessas leis.

Admittem acaso os materialistas, como explicação scientifica, propriedades e causas occultas?

Si não admittem, digam em que consistem as propriedades e causas conhecidas, em virtude das quaes os atomos se concertam por si mesmos, e se combinam por leis fixas para formar um elephante e uma formiga, ou para produzir uma idéa e um instincto.

Si porêem admittem causas occultas, inacessiveis á sciencia; porque então a causa occulta de todas as leis da natureza não será uma intelligencia suprema?

Que impossibilidade ha que uma razão soberana governe o universo por leis fixas de conveniencia? Tanto não ha impossibilidade, que os proprios corypheos do materialismo moderno dizem que as leis da natureza são racionaes. Si pois essas leis são racionaes, como podem ellas excluir uma razão suprema?

Um dos mais systematicos materialistas do nosso tempo, o D.^r Büchner, em um capitulo do seu livro « Força e materia » censura o

celebre Oersted por ter dito: « O mundo é governado por uma razão eterna, que nos manifesta seus effeitos nas leis immutaveis da natureza »; e declara que — ninguém pôde comprehender como uma razão eterna, governando, se acorde com leis immutaveis: ou são as leis da natureza que governam, ou é uma razão eterna; si uma razão eterna governasse, superfluas seriam as leis da natureza ».

Essa objecção é tão pouco séria, que o mesmo auctor, logo em outro capitulo do seu livro, mostra ter comprehendido o que antes declarára incomprehensivel, e destrôe o seu argumento, dizendo, e repetindo com o proprio Oersted, e com Zeise, que « as leis da natureza são leis racionaes..... a cada passo a experiencia nos mostra que as leis do pensamento são as leis do mundo..... as leis do pensamento estão em vigor na natureza ».

Mas, entendamo-nos: Que pensamento é esse cujas leis racionaes estão em vigor no mundo, e ao mesmo tempo exclue uma razão eterna?

Não é de certo o nosso pensamento vacillante, que com difficuldade apenas descobre algumas dessas leis mais geraes da natureza, e tantas vezes se engana, e se contradiz em suas observações e inducções, peccando mesmo contra as leis da logica.

Não é tampouco o pensamento da materia que lhe dá leis racionaes; pois que ninguem ainda ousou dizer que o pensamento é uma propriedade eterna da materia, e que ella se move, e toma todas as fórmás, porque pensa, e quer, e sabe o que faz.

É pois uma razão eterna, uma intelligencia suprema, um pensamento divino e effcaz, que por leis fixas de sua propria sabedoria, adapta os meios aos fins, e governa toda a natureza.

Pretenderão acaso que essas expressões — leis racionaes, leis do pensamento em vigor no mundo — são expressões figuradas, e só signifiquem que as leis são ideaes, abstractas, de uma absoluta necessidade, não pensadas por nenhum ser, independentes de tudo, e que todos os movimentos, transformações, combi-

nações, e composições estheticas da materia fatalmente se operem em virtude dessas leis ideaes, e abstractas, e ao mesmo tempo efficazes ?

Si assim é, toda a natureza se reduz a uma manifestação phantastica dessas leis dominadoras; ellas constituirão os archetypos de todas as cousas, de todos os seres, e de todas as suas successivas modificações, serão a causa occulta, a razão absoluta, o Deos incomprehensivel e criador de tudo. E nem assim escapamos ao sobrenatural divino!

Que importa pois que os materialistas ostensivamente neguem que o mundo seja obra de uma intelligencia soberana, uma obra pensada, si elles se contradizem, quando reconhecem que as leis da natureza são racionaes, que as leis do pensamento estão em vigor no mundo!

Si consideramos essas leis como naturaes, é tamsomente porque ellas se effectuam na natureza, e a constituem, e que seus multiplices effeitos servem de condições de existencia de outros muitos; e não porque as

possamos, pela observação, ou pelo raciocinio, deduzir de propriedade alguma da materia bruta, nem porque ellas se imponham ao nosso entendimento como absolutamente necessarias e eternas. Assim, tão natural é que nós pensemos, porque temos a faculdade de pensar, como é natural que os passaros voem, e que os corpos gravitem. Mas, de que principio podemos inferir a necessidade eterna do nosso pensamento, da existencia dos passaros, e do movimento dos corpos?

Admittindo-se mesmo a hypothese que o movimento seja uma propriedade inherente á materia, não vemos que na idéa de movimento se incluam todas as leis phisicas, chemicas e vitaes, o acordo dos órgãos, os typos dos seres, e muito menos os sentimentos, e a intelligencia.

Dizer que tudo isso resulta necessariamente das transformações do movimento e das forças da materia, é indicar, com palavras vagas, causas occultas e insufficientes; porque, ou as forças são os movimentos mesmos da materia,

e nesse caso a palavra força não acrescenta idea alguma á de movimento; ou a força é a causa eterna e permanente dos movimentos da materia; e nesse caso a força é superior á materia, é sobrenatural, é Deos mesmo.

HYPOTHESE COSMOGONICA DE LAPLACE.

O celebre astronomo Laplace, pretendendo explicar mecanicamente a formação do nosso systema planetario, suppoz que o sol, no começo das cousas, antes de tomar as proporções e o aspecto brilhante com que o vemos, era uma immensa nebulosa de materia diffusa, que se estendia além da orbita do mais distante dos seus actuaes satellites, que a ser, como parece, o planeta Neptuno, gyra longe do sol na distancia media de um milhar cento e cincoenta milhões de leguas, segundo o calculo dos astrónomos.

Essa ingente massa gazosa, sendo, por hypothese, arrastada por um centro longinquo de gravidade, que se não designa, e rodando

sobre si mesma no seu movimento de translação, se iria achatando em torno do seu eixo de rotação, e tomaria a fôrma de um disco elliptico. A medida que essa tremenda nebulosa se condensava, a força attractiva fazendo equilibrio á força centrifuga na orla do immenso disco, um annel de materia cosmica podia separar-se da massa central, e continuando no mesmo gyro, se romperia, e naturalmente, contrahindo-se, constituiria o embrião do primeiro planeta.

Do mesmo modo, por iguaes anneis destacados da nebulosa, se iriam successivamente formando os outros planetas; até chegar a vez da formação do nosso globo; cuja materia em estado gazoso meio condensada, se estenderia até a orbita de lua, que se constituiria por um annel despegado da orla da terra. E depois da Terra, se formaria, pelo mesmo processo, Venus, e após Mercurio; que, por emquanto, parece ser o ultimo filho da grande nebulosa, que, diminuida e condensada, se constituiu a final em Sol radiante.

Na opinião dos astrônomos, a translação geral de todos os planetas no mesmo sentido e a direcção commum dos seus movimentos de rotação são favoraveis a essa hypothese; sendo-lhe, porém, contraria a irregularidade da distribuição das massas e das densidades dos planetas, e a presença dos cometas, que se movem em orbitas tão várias e excentricas, que não podem ser considerados como produzidos por aneis destacados da nebulosa solar, e que não sabemos como se introduzem nos dominios da familia do nosso sol. Mas isso pouco importa ao nosso caso.

Si por esse, ou por qualquer outro meio, de uma nebulosa saíu com-efeito o nosso systema solar, do mesmo modo de outras muitissimas e inormissimas nebulosas sairiam tambem todos esses milhões de estrellas, que se consideram como ingentes soes de outros tantos systemas planetarios, que em seus movimentos vertiginosos, em orbitas incommensuraveis, se attrahem mutuamente, sem nunca se encontrarem, como governados por uma vontade

soberana que os mantêm em distancias convenientes. E nada nos indica si todos esses systemas de mundos, que constituem o universo, se formaram contemporaneamente por um só *fiat*, ou si um após outro!

Assim, a imaginação, guiada mesmo pela sciencia, nos transporta, através de incalculaveis seculos, a uma só massa atomica e difusa em toda a extensão do espaço infinito, cháos primitivo de que nos falla a Biblia.

A sciencia humana pára incerta, muda e estupefacta diante dessa materia confusa, informe e tenebrosa; e o materialismo audaz, regeitando *a priori* a idea de um Criador e ordenador supremo, a suppõe incriada e agitada de um movimento eterno de attracção e repulsão; e com essas duas palavras pretende explicar tudo!

Facil é o suppor; mas o espirito humano, e a severa sciencia não se satisfazem com essas hypotheses arrogantes de uma mecanica imaginaria.

Dado porêm esse estado primitivo da ma-

teria cosmica, embora incriada por hypothese, nem por isso o systema do universo pôde ser considerado como incriado e eterno; pois que teve um começo, que a sciencia não ousa negar; e essas leis e forças que ella se vê obrigada a admittir, e a que se attribue a mudança do estado informe e primitivo á ordem que admiramos, se apresentam ao nosso espirito antes como determinações de uma intelligencia criadora, do que como propriedades eternas, inherentes aos atomos, do quaes nada sabemos, sendo hypothetico tudo o que se lhes attribue.

Uma infinidade de atomos invisiveis, agitados por uma contínua attracção e repulsão, isto é, por dous movimentos oppostos, que se coordenam progressivamente por acaso em systemas harmonicos de mundos, em vez de se repellirem, ou de continuarem no seu estado primitivo e necessario, e que por conseguinte devia ser immutavel, não é hypothese que satisfaça á razão; parecendo antes tão intencional esse mesmo concurso de cousas adap-

tadas á ordem, que exclue o acaso, e nos obriga a crer na existencia de um Criador supremo. E essa crença é geral, porque se apoia em razões mais solidas que os argumentos de uma hypothese especulativa, só inventada para excluir a idéa de Deos.

A embryogenea mecanica do nosso systema planetario, imaginada por Laplace, tem por condição a hypothese da existencia de um centro longinquo de gravidade, que arrastando em sua rotação uma immensa nebulosa de materia diffusa, fez que da borda dessa massa se separassem anneis da materia cosmica que se constituiram em planetas; sendo esse mesmo centro de gravidade que, fazendo equilibrio com a do sol, impede que sobre elle os planetas se precipitem.

Mas, onde se colloca esse centro longinquo de gravidade? Si não ha um centro de gra-

vidade no universo; si todos os astros se attrahem mutuamente, e si a attracção é uma propriedade geral, immanente aos atomos desde toda a eternidade; como na immensidade da materia cosmica se formaram e distribuiram tantos centros de gravidade, que deram origem a milhares de systemas planetarios, deixando ainda nos incommensuraveis espaços intermediarios tanta materia cosmica, que se apresenta em fôrma de inornes nebulosas, e de innumerous cometas, que tanto dão que pensar aos astronomos?

Por outro lado: — é a attracção que produz os movimentos regulares dos astros, ou são esses movimentos regulares o que nos faz parecer que elles se attrahem? Ambos esses phenomenos não dependerão de uma causa superior á materia? E só pela attracção e repulsão dos atomos poderiam tantos mundos surgir naturalmente de um massa confusa, e e entrar em movimento em orbitas regulares?

Eis o que a sciencia ignora completamente;

e qualquer explicação que dê, invocando suppostas propriedades da materia e leis naturaes, não passará de uma hypothese, e não impedirá o espirito humano de crer que o universo é obra de uma intelligencia divina.

O ESPAÇO E O TEMPO.

As ideas que temos do espaço e do tempo, e que tão claras parecem a todas as intelligencias que sobre ellas não meditam, encerram dous grandes problemas metaphysicos, inseparaveis no nosso espirito, quando, sobre essas ideas meditando, procuramos saber ao que ellas correspondem fóra de todas as cousas, quer materiaes, quer espirituaes que percebemos, ou concebemos, como enchendo o espaço e o tempo, e não podendo existir sem essas duas condições necessarias.

Assim, abstrahindo pelo pensamento todas as cousas limitadas e temporarias, consideramos o espaço e o tempo, que não podemos sup-

primir, como duas realidades permanentes, necessarias, independentes de tudo, e de Deos mesmo, quando dizemos que o espaço e o tempo são infinitos, eternos, e absolutos, e existiriam ainda mesmo que nada mais existisse.

Tal é o modo mais geral de considerar o tempo e o espaço, que os materialistas adoptam, bem como muitos espiritualistas.

Mas, o que póde ser esse espaço e esse tempo infinitos, sinão a extensão e a duração de uma substancia necessaria? Não sendo isso, serão porventura a extensão e a duração do nada? E faremos do nada a condição necessaria, infinita, eterna, absoluta da existencia das cousas, e coexistindo com ellas? Dizer que é a extensão do espaço e a duração do tempo, é um modo de fallar que dá por sujeito de um attributo abstracto o mesmo attributo com outro nome.

Platão, Descartes, Leibnitz e Kant, eminentes metaphysicos e mathematicos, postoque professassem theorias philosophicas diversas, nunca comprehenderam que fóra da extensão

e da duração das cousas, o tempo e o espaço fossem duas realidades infinitas e necessarias, que existissem por si mesmas.

Quando consideramos em abstracto os attributos sem os quaes não podemos perceber nem representar cousa alguma, e para facilidade do discurso os designamos com nomes substantivos, esses attributos acabam por nos parecer realidades substanciaes, e independentes das cousas. Assim é que a extensão com o nome de espaço, e a duração com o nome de tempo parecem ter existencia propria, e independente da extensão e duração de algum ser. Do mesmo modo que as figuras geometricas que concebemos, e sobre as quaes com exactidão discorrem os geometras, parecem ter existencia fóra do espirito que as concebe, e da configuração dos objectos sensiveis.

Si o espirito humano, supprimindo pelo pensamento todas as cousas limitadas e temporarias, não pôde comtudo suppressir as ideas de extensão infinita e de duração eterna, que com os nomes de espaço e de tempo perma-

necem no seu pensamento como independentes das cousas supprimidas, é porque essas ideas de immensidade e de eternidade se ligam no seu pensamento á de um ser espirital necessario, immenso e eterno, sem o qual elle não pensaria, nem existiria.

Esse ser espirital, ou substancia eterna, cuja existencia a razão nos obriga a affirmar, pela impossibilidade de se conceber um começo do nada, sendo invisivel e incomprehensivel sem os attributos necessarios com que elle se revela ao nosso entendimento, e não podendo por conseguinte o espirito humano represental-o na sua pura essencia, é levado a considerar os seus attributos, mais comprehensíveis que a substancia, como cousas absolutas, existentes por si mesmas. Assim é que algumas propriedades e phenomenos sensiveis de agentes desconhecidos, como a luz, a electricidade, e o calor já foram considerados como substancias imponderaveis. Não admira pois que algumas intelligencias considerem o tempo e o espaço como realidades existentes

por si mesmas; principalmente o espaço, que nos parece cheio e visível pela extensão dos phenomenos sensiveis, e vazio quando o nosso tacto nenhuma resistencia encontra.

A idea de extensão domina tanto no nosso espirito, pela influencia da imaginação, que por meio de uma extensão vazia de phenomenos sensiveis, ou espaço puro, podemos representar a immensidade do ser eterno, espirital, immovel, que existe em si mesmo, e em si contêm e sustenta todas as criações contínuas do seu divino poder. Deos, pela eternidade do seu ser necessario, e pela immensidade do seu infinito poder, constitue para nós o tempo e o espaço infinitos, a eternidade e a immensidade.

Tal era o pensamento de Newton, desenvolvido por Samuel Clarke. A esse modo de considerar o tempo e o espaço se fez a seguinte objecção:

« Si o espaço é uma propriedade da substancia que existe por si mesma, tambem é no mesmo sentido uma propriedade de qual-

quer outra substancia. Não haverá differença sinão quanto á quantidade. Ora, pois que cada parte do espaço é necessaria, segue-se que cada substancia deve existir por si mesma ».

A tal argumento respondeu Clarke nos seguintes termos:

« O espaço é uma propriedade da substancia que existe por si mesma, e não uma propriedade de qualquer outra substancia. Todas as substancias estão no espaço, e o espaço as penetra; mas a substancia existente por si mesma não está no espaço, nem o espaço a penetra. Ella é, si assim me posso explicar, o *substratum* do espaço, o fundamento da existencia do espaço e da duração. Ora, o espaço e a duração sendo evidentemente necessarios, e não sendo comtudo substancias, é claro que a substancia sem a qual essas propriedades não poderiam subsistir ainda é mais necessaria, si é possibel ».

Essa resposta não satisfiz por dous motivos, sendo um d'elles a falta de clareza das expressões — substancia que não está no espaço

e que o espaço não penetra. Mas parece-nos facil esclarecer esse pensamento.

O espaço que se considera como propriedade da substancia que existe por si mesma é a extensão infinita dessa mesma substancia, e não a extensão sensível de qualquer outra cousa que no espaço se move. E como não se diz que a substancia está na propriedade, e sim que a propriedade está na substancia, nesse sentido com razão diz Clarke que a substancia existente por si mesma não está no espaço, pois que ella é o *substratum*, o fundamento da extensão infinita chamada espaço. Assim pois, a conclusão que — cada parte do espaço sendo necessaria, segue-se que cada substancia deve existir por si mesma, — é falsa; porque da necessidade de cada parte do espaço infinito só se segue a necessidade da sua mesma substancia, e não que qualquer outra substancia, que não é a do espaço, tambem exista por si mesma, podendo ser uma substancia criada, ou uma simples apparencia da que existe por si mesma.

O outro motivo porque não satisfaz a explicação de Clarke, e porque se regeita o pensamento de Newton sobre o espaço e o tempo, é a falta de provas que o espaço seja com effeito uma propriedade de Deos, apresentando-se-nos ao contrario o espaço e o tempo como absolutos, isto é, independentes de tudo, e de Deos mesmo. E Royer Collard, que, como outros philosophos, assim considera o espaço, diz: « Muitas criaturas humanas nenhuma idéa tem do ser unico, eterno e necessario, e nenhuma deixa de ter idéa do espaço ». Donde concluem esses pensadores que o espaço não é um attributo do ser eterno e necessario.

A isso responderemos que tambem todas as criaturas humanas, que não são cegas, tem idéa da luz, e que ninguem tem conhecimento do ether; e isso não impede que se reconheça ser a luz uma sensação occasionada pela vibração do agente invisivel assim denominado, e cuja existencia a sciencia affirma por uma necessidade physica.

Nós não temos conhecimento immediato de

substancia alguma, nem criada nem incriada, nem finita nem infinita; só conhecemos as qualidades, e ainda assim imperfeitamente; a substancia é sempre uma inferencia, ou uma idea de razão pura, de que não podemos de modo algum prescindir. Si temos idea de um espaço infinito, contínuo, immovel, necessario e eterno, podemos inferir a existencia de uma substancia com esses attributos, podendo ter outros muitos; como das ideas que temos de cousas finitas, multiplices, transformaveis, moveis, divisiveis, e mais ou menos resistentes, inferimos a existencia de uma substancia atomica, que por essas mesmas qualidades não podemos considerar sinão como contingente e criada.

Descartes e Leibnitz não admittiam a existencia absoluta do espaço; mas tambem não o distinguiam da extensão dos corpos. Para elles, « a mesma extensão em comprimento, largura e profundidade que constitue o espaço constitue o corpo ».

Segundo esse modo de ver, bem diverso do

de Newton, o espaço seria a extensão mesma da substancia dos corpos, considerada abstractamente, sem as mais qualidades que a tornam sensível; não haveria por conseguinte espaço algum immovel, e vazio de corpo movel.

Kant considerava o espaço como uma pura concepção do nosso espirito, sem realidade alguma objectiva.

Apezar porêem da auctoridade desses tres grandes mathematicos e profundos metaphysicos, não nos parece admissivel semelhante modo de ver. Ninguem confunde, ninguem identifica a extensão sensível dos corpos com o espaço em que elles se movem, e permanece quando os corpos mudam de logar. Os corpos se contraem e se dilatam, são porosos, divisiveis, separaveis, impenetraveis e moveis; o espaço não. Podemos conceber um espaço sem corpo, mas não um corpo sem espaço. Identificar pois a extensão do espaço com a do corpo, dar-lhes a mesma substancia, ora visível, ora invisível, não seria, a meu ver, supprimir o espaço, nem consideral-o como uma

abstracção, ou concepção puramente ideal; seria ao contrario reduzir os corpos a phenomenos da substancia do espaço; porque, si a extensão chamada espaço fosse, como diz Descartes, a extensão mesma da substancia corporea, sem as mais qualidades que a tornam sensível, seguir-se-ia com-efeito que não havia espaço vazio, isto é, uma extensão sem substancia, e que a substancia era, por conseguinte, contínua, indivisível, impenetravel e immovel. Ora, como os corpos sensíveis são contiguos, divisíveis, separáveis e moveis, a conclusão seria que todas as propriedades sensíveis que constituem os corpos são apparencias produzidas pela substancia do espaço, e o que chamamos materia nada mais seria do que a força productiva dessa substancia unica, considerada como fundamento dessas apparencias. Assim, o modo de ver de Descartes, postoque em seu enunciado mui diverso do de Newton, conduz á final ao mesmo resultado, quanto á distincção entre a extensão sensível dos corpos e o espaço em que elles se movem.

Mas, porque não será o espaço uma extensão vazia? Que difficuldade ha em admittir a existencia de um espaço puro, que todos consideram como condição necessaria da existencia dos corpos?

Porque tratamos de uma extensão objectiva, real e substancial; e não de uma extensão imaginaria, abstracta, pura concepção do nosso espirito. Um espaço real, vazio é tamsomente uma extensão ideal do nada, ou de cousa nenhuma; porque em tal caso nenhuma existencia teria. E si isso admittissimos, cahiriamos no puro idealismo subjectivo de Kant. Por isso é que Descartes e Leibnitz, não podendo admittir uma extensão real sem substancia, identificavam o espaço com a substancia dos corpos; e Newton, pelo mesmo motivo, considerava o espaço como constituido pela immensidade de Deos, e o tempo pela sua eternidade.

Os que admittem a existencia de um espaço infinito sem substancia alguma, admittem inadvertidamente a existencia da não existencia,

uma pura concepção do nosso espirito, igual á de uma duração abstracta, sem cousa alguma que dure. O que realmente existe é substancia, ou qualidade, ou apparencia de alguma substancia.

Ora, como a divisibilidade, a impenetrabilidade e o movimento dos corpos nos não permitem identificar a sua extensão sensivel e finita com a do espaço infinito e immovel em que elles se movem, somos obrigados a considerar o espaço como uma propriedade ou manifestação de uma substancia mysteriosa, necessaria e eterna, Deos em-fim, de quem tudo depende.

Não é pela influencia de principios theologicos á *priori* que assim pensamos; é pela analyse mesma das nossas idéas, e pelas leis do nosso entendimento.

Dirão que tudo isso é muito metaphysico, e incomprehensivel. De certo, que o é. Mas como não podemos supprimir as ideas de duração eterna, e de extensão infinita, que se apresentam ao nosso espirito como condições

necessarias da existencia dos phenomenos sensiveis, inevitavel é essa metaphysica, por mais incomprehensivel que pareça, e qual-quer que seja o modo por que expliquemos o tempo e o espaço.

A MATERIA.

Quanto mais medito sobre a concepção que temos da materia, e procuro esclarecer-me com as explicações e theorias dos mais categoricos materialistas, tanto mais a materia se me apresenta como mystesiosa e incomprehensivel.

Corpo e materia são duas cousas differentes para a sciencia. O corpo é um complexo de phenomenos ou qualidades que se apresentam aos nossos sentidos, parecendo actuar sobre elles, e que pela percepção attribuímos a differentes causas externas, e distinctas do nosso modo de sentir, suppondo-lhes uma existencia no espaço. A materia é o sujeito invisivel dessas qualidades externas, a substancia oc-

culta do corpo, que se define extensa e impenetravel, cuja acção se toma como causa objectiva desses phenomenos, e cujas propriedades, ou forças, se reduzem a movimentos indefinidos, ou ás apparencias sensiveis que sobre nós produzem esses movimentos.

Mas essa substancia não nos parece continua, indivisivel e identica em toda a extensão do espaço. Ao contrario, ella se dissolve e se evapora em turbilhões de infinitos atomos invisiveis, que escapam a todos os nossos meios de investigação microscopica, e mesmo á nossa comprehensão. Nenhuma idéa podemos ter do atomo, nem da sua extensão infinitamente pequena, nem da sua fôrma. Querem uns que o atomo seja divisivel ao infinito; o que parece absurdo e contradictorio com a idéa de menor extensão possivel. Querem outros que elle seja indivisivel, não-obstante ser extenso. Não podemos dizer si todos os atomos são homogeneos, ou heterogeneos; em que differe, por exemplo, um atomo de oxygeno de um atomo de azote, ou de ferro, ou

de qualquer outra substancia reputada simples pela chimica. Nada scientificamente lhes podemos attribuir, nem affirmar si elles são criados ou incriados; si se movem per si mesmos, ou si são movidos por um poder extranho; sua existencia mesma é problematica. Entretanto desses atomos mysteriosos e ideaes suppõe a sciencia que se constituem todos os corpos, sendo a palavra *materia* uma expressão generica e abstracta, que designa a totalidade dos atomos incompreensiveis.

Si todos os atomos são naturalmente homogeneos, como poderam elles sair da sua natural homogeneidade para constituir os diversos corpos, considerados pela chimica como substancias simples e irreductiveis, e pelo materialismo como dotadas de propriedades eternas, differentes?

Si para explicar as differentes propriedades dessas substancias chemicas que nos parecem immutaveis, suppozermos os atomos essencial e necessariamente differentes; porque todos os atomos de cada especie necessaria não per-

maneceram sempre unidos em massas distintas, e se ligaram aos de outras especies em proporções definidas e invariaveis?

Si a attracção é uma propriedade geral inherente aos atomos desde toda a eternidade; porque não se amontoaram todos elles indifferente e desordenadamente em uma só massa confusa, como se imagina a materia cosmica, e se distribuiram em tantos mundos separados por distancias incommensuraveis? Donde veem as leis mysteriosas a que se submeteram?

Si essas leis constituem o universo e todos os seres vivos; si sem ellas a sciencia nada explica; si são ellas e seus effeitos sensiveis que nos obrigam a admittir uma força unica, uma causa eterna de todos os mysterios da natureza; não será mais razoavel attribuir todas essas leis que reconhecemos a uma intelligencia suprema, do que ao encontro accidental de movimentos indefinidos de alluviões de atomos incomprehensiveis, dos quaes nada sabemos?

A intelligencia humana, postoque limitada, é o typo mais perfeito que se nos offerece de uma força ou potencia criadora e ordenadora de ideas, que para ella mesma tomam o aspecto de cousas temporarias; nada no mundo nos parece superior á intelligencia; é pois muito natural, e eminentemente philosophico que o espirito humano, não vendo nos factos a causa intelligivel de sua existencia phenomenal, attribua o ser e a ordem do universo a uma intelligencia infinita, e não a forças brutas, e da mais a mais desconhecidas em sua essencia, que operem sem plano nem fim, e que não podem por conseguinte constituir a intelligencia e a vontade que se revelam na criatura humana.

Segundo a metaphysica phantastica dos materialistas modernos, que negam a criação, as substancias elementares, reputadas simples, são irreductiveis, immutaveis, incriadas, e existem desde toda a eternidade com as mes-

mas propriedades com que hoje se mostram; e os mundos, e todos os seres organicos são resultados das combinações accidentaes e dos movimentos successivos e varios dos atomos diversos que constituem essas substancias brutas. Elles o dizem, mão não o provam.

Mas sendo assim, dada por hypothese essa multidão de especies de substancias necessarias, e de propriedades eternas differentes, o que não é conceder pouco a essa theoria, porque milagre do acaso esses movimentos differentes e oppostos, que sem plano nem fim, nem disposição intelligente, agitavam a materia cosmica, se submetteram a leis fixas e inviolaveis? Aconteceria isso tambem por uma rigorosa necessidade?

É na verdade muito maravilhoso esse acordo de tantas condições necessarias, exigidas por uma theoria que se dispõe a supprimir o sobrenatural!

Será com-effeito mais razoavel admittir cerca de sessenta especies de substancias eternas, incriadas e irreductiveis, dotadas pela fatal

necessidade de propriedades diferentes e immutaveis, do que um só ser criador e ordenador de tudo?

Reconhecer que todos os phenomenos do universo estão sujeitos á leis acordes e harmonicas, não será de facto reconhecer que o universo é obra de uma razão divina uma, obra pensada, e não o resultado do acaso?

A sciencia experimental nada sabe quanto á natureza essencial dessas substancias atomicas, reputadas simples pela impossibilidade de as decompor: Ella não sabe porque essas substancias se ligam entre sí em proporções definidas e fixas: Ella não sabe porque essas substancias em massas inornes se distribuiram em tantos systemas planetarios: Ella não sabe porque um pequeno numero dessas substancias constituiram no nosso pequeno globo seres vivos, de especies diversas, que se perpetuam pela geração. Attribuir todos esses phenomenos mysteriosos ás leis da attracção

e das affinidades, é contentar-se com palavras, e illudir a questão; porque é justamente dessas leis que desejamos saber a causa. E attribuil-os a suppostas propriedades eternas, indefnidas, não é mais scientifico do que attribuir tudo o um criador e legislador supremo, que tem a vantagem de satisfazer a crença natural do espirito humano.

- - - -

Eu acompanho os vôos arrojados da astronomia nos remotos abysmos da regiões sideras: Contemplo com pasmo esses milhões de mundos de proporções diversas, que o telescopio nos mostra acordes gyrando em distancias incommensuraveis nas profundezas do infinito espaço: Comparo com tão espantosa grandeza a insignificancia deste pequeno globo que habitamos, e que sem distincção alguma o sol arrasta entre os seus menores satellites; e não posso crer que a vida só apparecesse por um feliz acaso, ou por um milagre excepcional, na crosta resfriada desta terrena

esphera, que é para a immensidade do universo menos que uma gota d'agua no oceano. Não posso crer que todos esses innumeraveis mundos estejam inuteis, desertos, e sem vida, como escolhos inertes, rolando sem destino. Não posso crer que aqui começasse e aqui acabe o nosso atormentado espirito, sequioso de verdade e de justiça; que não haja intelligencias superiores á nossa, e uma intelligencia divina, donde todas as intelligencias emanem, causa suprema de tudo.

Mundos innumeraveis! Grandezas estupendas! Harmonias prodigiosas! Nesta immensidade de que fazeis parte um atomo invisivel com amor e pasmo vos contempla, e vos abrange pelo pensamento, e não vos comprehende sinão como pensamentos visiveis de uma intelligencia divina.

LIVRE ARBITRIO.

Alguns philosophos modernos da escola positivista, que negam a liberdade humana, e por conseguinte a responsabilidade moral, pretendendo comtudo, por escrupulos de consciencia, conciliar praticamente a ordem social com a theoria do fatalismo, reconhecem e proclamam a utilidade e legitimidade da punição, declarando que o castigo, pelo medo que inspira, é um motivo de acção, que pôde determinar, e muitas vezes determina a vontade a evitar o mal, e que isso o justifica.

Mas, o que é uma vontade que pôde determinar-se por sí mesma, de um modo ou de outro, por motivos conhecidos, e previsão

do resultado, sinão o que precisamente se chama *livre-arbitrio*? Que outra concepção podemos ter da liberdade, sinão a de um poder intelligente, que de móto proprio prefere uma acção a outra, por considerações moraes, que o não impellem mecanicamente?

Si a palavra liberdade não é applicavel a tal factó, então essa palavra nada significa, e a nada mais pôde ser applicada.

Outros fatalistas, menos escrupulosos a respeito da ordem social, mas nem pois isso mais logicos, negando a responsabilidade moral, e a legitimidade da pena, pretendem que os vicios e os crimes são resultados fataes e inevitaveis da má organização dos individuos: que não é justo punil-os pelo que elles não podiam deixar de fazer: que os criminosos são mais dignos de compaixão que de desprezo, e que fariamos bem de não julgar, nem condemnar pessoa alguma.

Mas esse conselho mesmo suppõe que somos

livres, que podemos seguil-o, e que só por compaixão dos malvados, e para nos conformar ás leis da natureza bruta, que é o idolo do materialismo fatalista, devemos entregar a sociedade á mercê dos sophistas, dos loucos, dos viciosos e dos malvados. Ideas tão contrarias ao bom senso não é provavel que completamente triumphem; mas nem por isso são innocentes, e já grandes males teem causado.

Um argumento novo contra a liberdade humana consiste em negar que ella seja um facto de que tenhamos consciencia; e Stuart Mill, philosopho da escola positivista ingleza, que sustenta essa these, assim se exprime: « Ter consciencia do livre arbitrio significa ter consciencia, antes de feita uma escolha, que proderiamos escolher diversamente. Póde-se *in limine* reprovar o emprego da palavra consciencia com tal accepção. A consciencia me diz o que eu faço, ou o que eu sinto;

mas o que eu sou capaz de fazer não é objecto de consciencia. A consciencia não é prophetica. Temos consciencia do que é, não do que será, ou pôde ser ».

O sophisma está na definição da consciencia do livre arbitrio, de modo que o exclue.

É certo que a consciencia não é prophetica; que não temos consciencia antecipada da escolha que faremos, e do modo por que nos resolveremos; como tambem, antes de pensar e de sentir, não temos consciencia do que pensaremos e sentiremos. Mas quando escolhemos, preferimos, e nos resolvemos, temos consciencia desses actos. E si escolhemos mal, sentimos, e temos consciencia de ter podido fazer melhor escolha. É quanto basta para que nos consideremos agentes livres, e affirmemos o nosso livre arbitrio.

« Não »; responde Stuart Mill; e com a sua habilidade logica, renova o velho argumento dos antecedentes da escolha, ou motivos de acção, que com mais força determinam a vontade a preferir uma cousa a outra;

considerando o motivo que prevalece como causa efficiente da preferencia, e a vontade como effeito necessario.

Mas a força do motivo que prevalece não é absoluta; depende da nossa propria apreciação, da nossa propria individualidade, que póde resistir-lhe; e ninguem ainda dice que a liberdade consiste em obrar sem juizo, e sem ponderação de motivos; e sim que consiste no poder que temos de nos determinar por nós mesmos, á vista de motivos que nós mesmos apreciamos.

É justamente para os actos da livre vontade que se emprega a palavra motivo, ou razão, e não a palavra causa. A distincção é importante. A causa é uma lei physica ou mecanica na ordem da natureza, e determina o effeito infallivelmente.

O motivo é um desejo, ou uma consideração do nosso entendimento, que nos deixa a liberdade da escolha. Ora, não se nega que possamos escolher, preferir, e determinar-nos por nós mesmos: é esse poder que se chama

livre arbitrio, e nos constitue agentes livres e moraes.

Ao que pois se reduz a negação do livre arbitrio? Reduz-se a dizer, que o motivo que prevalece na nossa consciencia determina a vontade, como o peso mais forte faz pender a balança, sem liberdade alguma; e o que parece liberdade de escolha nada mais é do que a lucta dos motivos, até que um prevaleça na nossa consciencia.

Mas esses motivos não luctam entre si perante a nossa consciencia; somos nós que, por assim dizer, luctamos com elles; sómos nós que os julgamos; e a força do que prevalece lhe é dada pela nossa preferencia. Dous homens que luctam o mais forte póde voluntariamente deixar-se vencer; e o motivo moral porque a isso se determina só vale para elle, emquanto elle quer, e não por ser mais forte que qualquer outro motivo, ou por lhe tirar a força.

Si uma balança podesse a seu capricho levantar ora um peso, ora outro, ora equili-

bral-os, diriamos que ella se movia por sua livre vontade. — Nós somos essa balança.

Si porêem pretendem que o poder que se não dá na balança, tambem se não dá em nós; é dizer que nós que pensamos, que sentimos e queremos somos uma illusão; que atrás da nossa consciencia estão forças estranhas, invisíveis, que produzem toda essa phantasmagoria que se observa a sí mesma, e cuida existir; é por conseguinte sair da psychologia positiva; da sciencia dos factos, e entrar em uma metaphysica abstrusa, em que nos perderemos; como acontece sempre que renunciamos os dados da consciencia.

O fatalismo applicado á ordem moral absolute o crime, e desaprecia a virtude.

Os argumentos pelos quaes se nega a liberdade humana, bem como os de Zeno de Eléa

para negar o movimento dos corpos, são fallacias da dialectica, subtilezas de sophistas, que a muitos embaraçam, e a ninguem convencem.

Si para os materialistas a liberdade humana é inconciliavel com as leis fataes da natureza bruta, nem por isso o é para os espiritalistas, que não vêm razão para admitir os principios exclusivos do materialismo.

Os que negam o livre arbitrio, por lhes parecer incompativel com as leis immutaveis da natureza bruta, podem tambem negar que os passaros vôem, e que possamos atirar pedras para cima, allegando que isso é incompativel com a lei geral da gravitação. Ninguem tambem que pensamos, porque a materia bruta não pensa.

Hobbes pretende que si um pião, fustigado por crianças, e gyrando de um lado para outro, sentisse os seus movimentos, como sentimos os nossos, poderia tambem crer que se movia por sua livre vontade.

Essa hypothese não é admissivel; porque nós distinguimos perfeitamente os movimentos que fazemos porque queremos, dos movimentos reflexos e automaticos que se dão no nosso corpo, contra a nossa vontade, que muitas vezes lhes resiste. Si o pião sentisse os seus movimentos, sem ver a causa, estaria no caso do epileptico, que não attribue á sua vontade as convulsões que experimenta.

Não ha criatura humana que não attribua certos actos á sua livre vontade. Que importa pois a negação systematica dos fatalistas e materialistas contra essa affirmacão universal e constante da consciencia do genero humano?

Os materialistas modernos negam a liberdade humana, não porque lhes falte a consciencia de suas livres determinações, e sim porque o reconhecimento de um poder livre na criatura humana os obrigaria a admittir tambem a existencia de uma causa intelligente e livre da ordem do universo, em opposição ao supposto fatalismo das leis mecanicas da materia bruta, que lhes parece incontestavel e absoluto.

Epicuro não tinha esse preconceito. Postoque materialista, não era fatalista. Elle não oppunha principios absolutos, indemonstraveis a um facto de consciencia. Ao contrario, regeitando nesse ponto a opinião de Democrito, reconhecia o livre arbitrio humano; e o que mais é, por inducção desse facto, attribuia um certo gráo de espontaneidade aos seus atomos; e assim subtrahia mesmo a ardem da natureza á inexoravel fatalidade, á que a condemna o materialismo moderno, como já o fazia o antigo.

Epicuro não admittia que o mundo fosse

criado por um Deos; parecendo-lhe que o mundo devia ser melhor, e sem males, si fosse uma obra divina. Mas reconhecia a crença geral da existencia da divindade como fundada na natureza humana, e ensinava a respeitar os deoses da Grecia, cujos templos frequentava com grande veneração. Elle professava a moral do prazer, que é a moral de todos os materialistas; considerava o interesse como o fim de todas as acções humanas; dava o prazer do ventre como o principio e a raiz de todos os prazeres. Entretanto elle era de uma rigorosa sobriedade; resistia com regidez estoica a todos os soffrimentos de uma dolorosa enfermidade, e queria que a religião e a amizade fossem cultivadas com o maior desinteresse. De tal modo elle conciliava essas contradicções, que os seus discipulos as aceitavam sem repugnancia, e imitavam a severidade do mestre.

Parece que Epicuro, espirito pratico, bem intencionado, e algum tanto sophistico, vivendo na decadencia de uma republica, outr'ora

gloriosa, pretendia guiar os homens á pratica dos deveres moraes e religiosos, e fazel-os cidadãos honestos, não-obstante o materialismo corruptor, e a doutrina do prazer que então dominavam na Grecia, e que elle aceitava talvez como um ponto de partida vulgar, e um meio seductor, para poder mais facilmente conciliar as opiniões oppostas.

Os materialistas modernos não imitam o exemplo de Epicuro; poderão ser mais systematicos, mais exclusivos, e mais logicos que o mestre; e por isso mesmo mais arredados da verdade.

Os phenomenos da natureza são tão varios, tão complicados, tão mysteriosos, e ás vezes tão contradictorios, que confundem o espirito dos observadores; e si hoje se affirma que tudo acontece por leis naturaes, necessarias e fataes, mesmo na ordem moral, é mais por uma presumpção systematica, indemonstravel,

do que por conhecimento que tenhamos dessas leis e de suas causas.

Sciencia positiva e philosophia positiva são duas cousas muito differentes. A sciencia positiva é o conhecimento dos phenomenos e das suas leis, adquerido pela observação e a experiencia; e a chamada philosophia positiva é a exclusão systematica de tudo o que excede a esse meio de conhecimento, a pretexto da incapacidade do nosso espirito para saber cousa alguma além dos phenomenos e das suas leis. É a negação mesma da philosophia. Mas a razão humana não se submete a essa disciplina, contraria á sua vocação, e inventada no nosso tempo em favor das negações do materialismo.

A sciencia humana é como uma ponte suspenza sobre um abysmo, e cujas extremidades se perdem em espessos nevoeiros. Tudo nos

parece claro e seguro, si caminhamos sobre a sua superficie: tudo é obscuro e problemático, si examinamos os seus pontos de apoio.

O que está fóra do alcance da sciencia positiva, nem por isso está fóra do alcance da razão pura.

RELIGIÃO, MORAL E POLITICA.

Entre os muitos theoristas modernos, formados na escola do sensualismo, que se inculcaram com planos de reforma, e de reorganização do estado social, Augusto Comte, o mais notavel entre todos pelo seus conhecimentos physicos e mathematicos, e pela sua *Philosophia positiva*, reconhecendo a importancia do sentimento religioso na ordem moral e social, julgou poder conciliar esse sentimento com as aberrações do seu materialismo, mal disfarçado com o titulo de positivismo, em uma linguagem redundante, palavrosa, confusa, e ás vezes quasi inigmatica, com pretensão de parecer original e profundo.

Excluindo a idea de Deos da sua phantastica religião positiva, quiz Comte illudir o sentimento religioso, dando-lhe um objecto de amor e de veneração na idea abstracta da humanidade, elevada por elle á categoria de *Ente supremo*, ou *Grande ser!* Mas esse idolo abstracto do positivismo verbal, do qual cada criatura humana é um representante positivo, que se antepõe a todos os outros, idolo mais ridiculo que a deosa da razão proclamada pela sanguinaria revolução franceza, longe de se prestar ao seu decantado *altruismo*, sem fundamento no materialismo, só poderia produzir o mais ignobil egoismo.

Eliminado Deos da consciencia humana, e com Deos a esperanza de uma vida futura, e de uma justiça eterna e infallivel, o que nos fica para objecto da nossa veneração? Fica a individualidade animal, a moral do prazer, a soberania da força, e a religião dos interesses mundanos; e os poderosos da terra serão as unicas divindades da plebe positivista. Esses eram os deoses, essa era a moral e a reli-

gião dos escravos dos Tiberios, dos Caligulas, e dos Neros.

Uma religião sem Deos, si não é uma burla do atheismo, que a ninguem illude, é ao menos o reconhecimento da necessidade de uma auctoridade suprema, que se imponha á consciencia humana como regra infallivel do nosso procedimento; e essa auctoridade suprema não pôde ser sinão a do Criador e ordenador de todas as cousas.

Reconhecer que o sentimento religioso é natural ao homem; que o genero humano necessita de um ideal de todas as perfeições, que seja o objecto constante do seu amor e respeito, e de um principio superior de justiça e de auctoridade a que todos se submettam; e pretender ao mesmo tempo supprimir a idéa de Deos, e substituil-a pela da triste humanidade, arvorada em Ente supremo, é na verdade uma dessas escandalosas aberrações do espirito humano, não distante da loucura.

Si a idea de Deos é uma pura concepção do espirito metaphysico, sem realidade possível; sempre é certo que essa idea sublime se apresenta como necessaria ao entendimento dos mais eminentes philosophos de todos os tempos, e tem por fundamento não só a razão especulativa, como tambem a disposição natural do genero humano a crer na existencia de um poder superior á natureza. É essa idea que nos inspira o sentimento religioso, e a esperança de uma justiça infallivel, e que nos fortifica no cumprimento dos nossos deveres moraes. O materialismo e o scepticismo poderão obscurecer essa grande idea; supprimil-a jamais.

Si uma intelligencia divina presidindo á ordem do universo é uma hypothese sobrenatural e ante-scientifica, como pretende o puro materialismo, que por isso a repelle; porque não será sobrenatural a intelligencia humana, querendo saber a causa dessa ordem?

E si a intelligencia humana é um facto natural e incontestavel; porque não será tambem incontestavel e natural uma intelligencia divina?

Será natural a nossa limitada intelligencia só porque se revela por intermedio de um pequeno organismo em um dos menores satellites do sol? Mas o que sabemos nós da essencia das cousas, e do organismo do incommensuravel universo, cujo centro e limites são inacessiveis á sciencia humana? Nada nos dirá a sabedoria das suas leis? a ordem e harmonia de tantos milhões de mundos? os mysterios do nosso proprio ser, e a origem incomprehensivel das nossas proprias ideas?

Para uma intelligencia finita, que nada comprehende sem causa, a crença na existencia de uma intelligencia infinita é sem duvida mais racional e comprehensivel do que a hypothese do puro machinismo.

A chamada philosophia positiva, pretendendo conservar-se neutral entre o espirituallismo e o materialismo, seria desculpavel si respeitasse as crenças do genero humano nas questões de origem, que as sciencias positivas não podem resolver. Mas, repellindo o que ella declara ser sobrenatural, e inaccessible á nossa intelligencia, reduz-se a sua neutralidade a um insidioso artificio em favor do materialismo.

A sciencia positiva reconhece que todas as causas, bem como a origem de todas as cousas, nos são desconhecidas; isto é, ella não descobre na evolução dos phenomenos a causa das suas leis.

Não tem por conseguinte a sciencia positiva razão alguma para negar, ou pôr em duvida, a existencia de um poder divino como causa suprema de tudo.

Admittir uma intelligencia divina como causa suprema da ordem do universo, não é suppor

uma causa infundada, ante-scientifica, e sem provas; é ao contrario admittir a unica causa provavel; pois que essa causa se revela no facto da nossa propria intelligencia, que tambem é criadora.

Não são somente os poetas os que dão provas de imaginação criadora, e se esforçam para primar pela originalidade da invenção. Os cultores das sciencias positivas, e dos mais afamados, tambem muitas vezes inventam, e adaptam os factos ás suas explicações imaginarias.

Ha porém uma differença entre uns e outros, quanto ao fim a que se propõem: os poetas inventam para augmentar o maravilhoso; os sabios para destruil-o: os primeiros só aspiram e encantar o espirito, sem pretender que acreditemos em suas ficções; os segundos trabalham para desencantal-o, impondo-nos as suas conjecturas como verdades.

A pretensão dos alchimistas, de transformar todos os metaes em ouro, não provava maior ignorancia da natureza das substancias simples, então mal conhecidas, do que a pretensão dos materialistas de transformar em intelligencia os movimentos do cerebro. Mais razoavel era essa pretensão dos alchimistas, porque se fundava na persuasão da unidade absoluta da materia primitiva; o que muitos materialistas ainda hoje admittem.

Que um movimento se transforme em outro movimento, é cousa que facilmente se comprehende; mas pretender que os movimentos de um organ se transformem em intelligencia, em ideas, e conhecimentos, é o maior dos absurdos.

As qualidades sensiveis com que distinguimos os corpos da natureza se explicam objectivamente pelos movimentos invisiveis dos

atomos que os constituem; mas a causa e os modos desses movimentos latentes estão fóra do alcance da sciencia, que apenas os suppõe; e a relação desses movimentos intestinos e invisíveis com as sensações que nos obrigam a suppô-los, e constituem o nosso mundo sensível, é uma maravilha, um problema inexplicavel sem o concurso de um poder divino, que estabeleceu essa relação harmonica.

O materialismo poderá ser a philosophia de alguns espiritos systematicos, que exgotam a sua actividade no estudo exclusivo dos phenomenos e das leis physicas; mas nunca foi, nem será a philosophia do genero humano.

Comprehendo que as sciencias physicas se limitem ao estudo dos phenomenos da materia bruta, e renunciem elevar-se á consideração das causas primeiras e dos fins; mas não com-

prehando que se pretenda impor esse methodo ás sciencias moraes e philosophicas.

As leis da natureza são factos generalizados pela sciencia, e como taes nada explicam, e não satisfazem o espirito humano quanto á idéa de causa. Saber, por exemplo, que a agua resulta da combinação de dous volumes de hydrógeneo e de um volume de oxygeneo, é ter conhecimento de um facto constante; mas não é saber a causa desse facto, considerado como lei chimica. Do mesmo modo, saber que todos os corpos se attrahem na razão directa das suas massas, e na razão inversa do quadrado das distancias, não é ter conhecimento da causa da attracção.

Os factos mal observados se prestam a inducções diversas, e muitas vezes oppostas:

dahi procedem as falsas theorias, que illudem pela apparencia logica.

A crença é um reflexo da razão no meio da nossa ignorancia; como a luz da lua é um reflexo da do sol no meio das trevas.

Cuidamos muitas vezes corrigir velhos erros, adoptando outros novos.

O regresso a certas crenças e praticas é muitas vezes um grande progresso, mesmo no desenvolvimento da sciencia, que não poucas vezes restaura o que havia abandonado.

A lição mais proficua que podemos tirar do estudo da historia de todos os povos é que as Nações se civilizam e prosperam com fortes crenças religiosas, que servem de base á mo-

ral social, e deperecem quando essas crenças se afrouxam.

A fraternidade entre os homens é um preceito de moral religiosa, que mantêm a bôa harmonia das classes sociaes, impondo-nos, em nome de Deos, o dever de amar os nossos semelhantes como a nós mesmos. A igualdade, porêm, é uma ficção politica, contraria ás leis da natureza, e que só serve de pretexto aos demagogos para perturbar a ordem social.

A igualdade perante a lei consiste na justiça relativa ao merito e ao demerito de cada individuo.

Os que mais pugnam pelos seus direitos são os que mais se esquecem ás vezes dos seus deveres.

Ninguem se julgue infeliz na adversidade, nem feliz na prosperidade; porque um estado ás vezes prepara o outro.

A natureza humana é tão mysteriosa, que uma grande ventura nos faz chorar, e uma grande desgraça nos faz rir.

O atheismo depende mais da vontade que do entendimento; é mais paixão que razão.

Os maiores inimigos da ordem social não são os assassinos e os ladrões, postoque sejam os mais execrados: são os que com doutrinas impias e immoraes corrompem os corações e os entendimentos; postoque por isso mesmo sejam ás vezes mais estimados e admirados.

Um homem moral, sem crenças religiosas, é como um cego que vacillante se guia pelo tacto.

Não ha sciencia, nem leis humanas que supram em uma nação a falta de religião.

Muitos fazem hoje ostentação de incredulidade, pela mesma razão que se habituaram a fumar, resistindo ás nauseas que causa o fumo do tabaco; — querem andar á moda.

O atheismo especulativo começa por ser uma simples tentativa de tudo explicar mecanicamente, pelo presupposto da não existencia de uma causa intelligente da ordem do universo, e acaba por ser uma monomania, pela aberração do entendimento.

A negação systematica da existencia de Deos, longe de ser uma prova de sabedoria, é o mais insolente arrojio da infatuada ignorancia.

Desculpa-se o sabio que no estudo dos phenomenos physicos procura as condições naturaes da sua existencia, prescindindo da idea do Ser criador e ordenador do universo; mas fóra desse estudo, no dominio das sciencias moraes e philosophicas, a exclusão, dessa idea é um capricho insensato, e a sua negação um crime contra a ordem moral e social.

A crença que um juiz supremo e infallivel nos observa, e não deixará sem premio a virtude, nem o crime sem castigo, é tão salutar, tão consoladora, e tão proficua, que pretender destruil-a é dar provas de máos sentimentos.

Na pratica da vida os homens se guiam mais por sentimentos e crenças do que pela sciencia.

A impiedade em um velho é tão repulsiva como a impudicia em uma velha.

A civilização necessita que milhares de criaturas humanas se condemnem aos mais rudes e insanos trabalhos da terra, das fabricas, das minas, e da navegação, que lhes apressam a velhice inferna e desvalida, e nem sempre com a certeza do mesquinho pão de cada dia. Todas as utopias modernas, inventadas para melhorar a sorte dessas victimas da civilização, não valem a caridade christã, e a esperança consoladora que lhes dá a religião de melhor vida além desta tão miseravel.

O sentimento religioso tem inspirado heroicos feitos, illustrado muitos povos, transformado desertos em cidades, erguido innumerables monumentos, fundado milhares de hospitaes, e de obras de caridade, de que se gloriam as nações civilizadas. A impiedade e o atheismo só teem produzido a corrupção dos costumes, e grandes desordens.

Si é de utilidade individual que todos saibam ler e escrever, é de utilidade geral que todos sejam moraes e religiosos.

Não se póde ensinar com proveito a moral ao povo sinão como um preceito religioso; e sem religião nenhuma instrucção se deve dar á infancia.

Si o maior numero de crimes ordinarios é fornecido pela classe mais baixa e ignorante

do povo, é porque essa classe é a mais numerosa, a mais opprimida, e a mais falta de meios para satisfazer as suas necessidades e vicios, — e não por ser analfabeta. Os grandes crimes, os grandes escandalos são commettidos pela classe culta; e si o numero desses crimes parece menor, é porque n'elle se não incluem os feitos com arte, as injustiças, as crueldades, as ladroíces, e as concussões dos poderosos e das auctoridades.

Exprimir os seus livres pensamentos pela imprensa periodica, e por discursos publicos, não é, como alguns pretendem, um facto de inviolavel consciencia; é liberdade de acção, que podendo ser nociva á ordem moral e social, deve ser regulada; e os que querem essa liberdade plena, sem restricções, são os que d'ella mais abusam, em prejuizo da sociedade.

De todas as paixões que agitam a sociedade a mais funesta e sanguinaria é a ambição do poder.

A reforma de Luthero, promovida por máos sentimentos, e protegida pela cubiça de principes immoraes e despoticos, foi um grande mal para o christianismo e para a civilização; porque, rompendo violentamente a unidade da Igreja catholica, excitou a discordia não só entre os membros de uma mesma communhão religiosa, mas tambem entre os subditos de uma mesma nação, e entre os individuos de uma mesma familia; deu motivo a peseguições, espoliações, vinganças, mortes, e guerras, e á formação de muitas seitas rivaes e rancorosas, que augmentam o desacordo politico.

Todos os governos tendem ao absolutismo; a reunir em suas mãos todos os poderes, e a converter a religião em um accessorio da po-

litica. Por isso a rebeldia de um frade sensual, violento, e despeitado contra a Sancta Sé, achou logo a protecção de principes despoticos, que aceitaram e promoveram a reforma para assumir o poder espiritual, confiscar os bens da Igreja, e mesmo dos seus subditos que resistiram á sua tyrannia.

O catholicismo é uma instituição grandiosa, tendente a confraternizar todos os homens, a ligal-os pelas mesmas crenças e praticas religiosas, pelos mesmos preceitos de moral, e pelos mesmos principios de justiça; e as seitas que do seu gremio saíram, por mesquinhos e individuaes interesses, só tendem a separal-os, e a perturbar a harmonia dos povos.

A fé, que moraliza e edifica, é preferivel á presumpção da sciencia, que destróe e corrompe.

As luzes do seculo que conduzem os homens á impiedade e ao atheismo, são como esses archotes enfumaçados que acompanham os cadaveres ao cemiterio.

Não ha malvado assassino que não prefira a prisão ao patibulo; e a suppressão da pena de morte em favor dos facinorosos é uma iniqua segurança que lhes dá a lei, que elles podem roubar e matar, correndo apenas o risco de serem por algum tempo privados da liberdade de fazer novas victimas.

A pena de morte é uma declaração salutar, que quem se dispõe a matar, corre naturalmente o risco de ser morto, e que a sociedade tem sobre o assassino o direito de fazer o que faria a sua victima, si podesse, em propria defesa.

Os theoristas que attribuem todas as acções humanas ao interesse individual, raciocinam como si os homens só obrassem por calculo, e como si nenhum sentimento de justiça, nenhum amor da verdade os dirigisse.

As maximas de La Rochefoucaud contêm mais paradoxos que verdades; mais espirito sarcastico que profundo conhecimento da natureza humana: são pensamentos de um corteção egoista, intrigante e libertino, habituado a desfigurar a verdade, e que a todos julga por sí mesmo.

O matrimonio não é um contracto accidental como qualquer outro, que só tenha por fim o interesse dos contractantes, e cujas garantias só dependam das leis civis. É uma união intima e vital, anterior ás leis positivas, que tem a sua razão de existencia na natureza humana, e da qual depende a pro-

pagação da especie, e a existencia da familia, base da sociedade moral e civil; e essa união sympathica e providencial deve ser regulada e legitimada pela religião, que é a principal e mais segura garantia da moral privada e publica. Converter o matrimonio em simples contracto civil é desmoralizar a familia e a sociedade.

O casamento tem por condição um amor exclusivo, promettido e jurado até a morte. A moral publica e privada tem o maximo interesse que esse juramento seja indelevel, e indissolvel essa união. Grandes immoralidades podem extinguir esse amor; mas permittir o divorcio, deixando aos fedifragos a liberdade de contrahir novas numpcias, é dar incentivos á libertinagem e á cubiça, e um premio ao vicio. Melhor é que poucos soffram os inconvenientes dos seus desregramentos e vicios, do que protegel-os, e com tal exemplo excitar

a que outros muitos os imitem, e se multipliquem os escandalos.

O que constitue os partidos politicos nos paizes livres não é tanto a differença dos principios, como a rivalidade dos concorrentes ao poder e aos empregos. Os principios são quasi sempre os pretextos com que se coonestam as ambições, e se abandonam, ou se esquecem, quando estas se acham satisfeitas.

Em politica, como em medicina, todos os systemas e preceitos exclusivos são falsos e perigosos; porque a multiplicidade e complicação dos elementos da ordem social, sujeitos a tantos erros e paixões; do mesmo modo que a multiplicidade e complicação dos tecidos organicos, sujeitos a tantas alterações e enfermidades, não permitem uma sciencia positiva dos meios adequados para conservar e restabelecer o equilibrio instavel

das cousas. Por isso, em politica como em medicina, são os charlatães os que mais confiam na efficacia dos seus meios, e os que mais promettem e enganam.

Os principios mais salutaes e edificantes do liberalismo politico são os mesmos aconselhados pela doutrina christã. Mas esses principios perdem a sua efficacia, quando, renunciando-se a sua origem divina, que os sanctifica, se apresentam como regras da sabedoria humana, sempre contestavel. E esse é o erro do liberalismo moderno, que, illogico, fazendo causa commum com o materialismo, que nega a liberdade, pretende legislar absolutamente sobre todas as condições da ordem social, com menosprezo das crenças e das tradições, e assim mais corrompe e destróe do que edifica, e se converte afinal em um despotismo odioso.

Pelo excesso e abuso da liberdade se corrompem as Republicas, e acham sempre ambiciosos que as dominem, e mais facilmente se convertem ellas em Monarchias, do que as Monarchias em Republicas.

Quando Roma, senhora do mundo, se submetteu ao despotismo dos Cesares, já na corrupção da agonizante Republica tinha soffrido as atrocidades dos Marios e dos Syllas, as infamias dos Catelinas e dos Clodios, e habituada estava a todos os vicios, deprovações, e crimes das classes superiores, e á venalidade servil das inferiores. A passagem foi facil, e só sensível a poucos fanaticos do titulo vão de Republica.

Muitos são os que lêem a historia; pouquissimos os que d'ella sabem tirar lições que aproveitem.

Os jesuitas, considerados individualmente, são todos mui instruidos, talentosos, de costumes severos, de vocação religiosa, de um trato agradável, escolhidos e doctrinados para o magisterio. Essa ordem deu muitissimos homens eminentes nas sciencias, nas lettras, e nas artes; prestou immensos serviços em todas as partes do mundo no ensino da mocidade, e na catechese de povos barbaros e selvagens; chamando-os á civilização, com sacrificio ás vezes das vidas dos seus heroicos missionarios.

Como pois essa ordem de homens tão illustres e prestantes pôde ser considerada pelos liberaes como prejudicial á civilização moderna e á liberdade dos povos, tendo ella sido perseguida e expulsa por governos despoticos de Monarchias absolutas? Donde vem nesse ponto o accordo do liberalismo moderno com o absolutismo monarchico?

Vem de que ambas essas theorias governativas se disputam o dominio exclusivo da sociedade; ambas se arrogam todos os direitos;

ambas são intollerantes, impias e despoticas; ambas repellem os salutaes principios que tendem a moderar as loucas ambições dos homens.

Na condemnação dos jesuitas ha incontestavel má-fe da parte de muitos dos seus juizes, e incontestavel ignorancia e libertinagem da parte de outros.

O naturalismo, ou realismo de certa escola de litteratura moderna, que se apraz nas descrições sem pejo das cousas mais indecentes, infames e ascorosas, é o complemento do grosseiro materialismo do nosso tempo, que affoutamente nega Deos e a moral, e converte o homem em um macaco transformado pela selecção; e o homem, assim desaforado, não se envergonha de assumir a impudencia e a petulancia do macaco.

A indecencia do assumpto e da linguagem em obras litterarias não é naturalismo; é depravação e cynismo.

Progredir nem sempre é melhorar, e muitos dos apregoados progressos da civilização se reduzem em progressos da desmoralização.

A sciencia humana tem limites insuperaveis, a poucos chega, e a ninguem satisfaz; e a fé que suppre as suas defficiencias é necessaria a todos.

FIM.

INDICE

—

Hypothese da metamorphose das especies. Pag.	1
Força vital	20
Causas finaes.. .. .	31
A intelligencia e forças da natureza	50
Unidade da força	63
Impressões e sensações.. .. .	71
Leis do movimento	76
Leis da natureza	81
Hypothese cosmogonica de Laplace.. .. .	91
O espaço e o tempo	99
A materia.. .. .	113
Livre arbitrio	122
Religião, moral e politica	136

—————







BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).